

“CALA A BOCA JÁ MORREU”

**Peça em dois atos de
LUÍS ALBERTO DE ABREU**

PRIMEIRO ATO

ABERTURA

(João Gregório parte para a cidade grande. João Gregório de chapéu de lavrador, guarda-chuva e malas está postado, ao centro do palco, rodeado pelo coro)

CORO Dos quinze aos vinte anos
deu lucro pra terceiro
plantou pra se sustentar
trabalhou como meeiro
inventou de namorar
Com quem vai, João Roceiro?

JOÃO Vou sozinho.

CORO Quieta o facho, assenta a bunda
A vida é rasa, a morte é funda
Vira e mexe, mexe e vira
Deixa o sonho e a partida
Deixa disso, aceita a vida
Fica aqui, João Caipira

JOÃO Eu vou.

CORO Boi é vaca em pasto alheio
Macho fora vira frouxo
Andarilho vira coxo
Sonhador fica sem glória
Tu tens vinte e cinco anos
Vai, completa a sua história.

CENA 1

A ESTAÇÃO

(Na estação constam alusões às eleições para presidente de 1960)

LOCUTOR Boa noite, São Paulo. Eu te cumprimento, cidade que mais cresce no mundo neste 28 de janeiro de 1960. Eu te homenageio São Paulo, cidade que do alto dos seus arranha-céus contempla esses milhões de laboriosos paulistanos que agora voltam do trabalho para um merecido descanso. Boa noite, São Paulo, a cidade que mais progride, que mais se expande. Mas, e existe sempre um, um porém, um todavia, um entretanto, um no entanto, um senão. São Paulo não é só suas luzes, seus

prédios, sua pujança. São Paulo guarda em si também um outro lado, escondido, confinado, mal percebido, suas ruas mal iluminadas onde grassam os vícios.

PEDINTE Uma esmola pra uma ceguinha!

MARCELA Deixa de ser besta, sou eu!

PEDINTE Marcelona! Que andou fazendo esse tempo todo?

MARCELA Comendo grama.

PEDINTE Já viu o Casca?

MARCELA Eu quero aquele chifrudo morto!

PEDINTE Fala baixo! (*Com gesto de cabeça, indica Marisinha.*)

MARCELA Aquela é a mineirinha da xoxota de ouro? Já me falaram. Otária! É você mesma, menininha!

PEDINTE Você arranja enroscos.

MARCELA Não tenho medo dessa putinha nem do macho dela. Ô otária, você vai se fuder com o Casca. Ele vai tomar toda a sua grana, como tomou a minha.

MARISINHA Isso é da minha conta.

MARCELA A vaquinha caipira tem a boca dura. Eu vou tacar a mão nela pra ver se amolece. (*Faz menção de investir contra Marisinha que se encolhe. É detida pela pedinte. Entra João Gregório, meio assustado, medindo o ambiente, os prédios.*)

PEDINTE É a menina do Casca! Deixa disso. Olha o freguês. (*Marcela olha.*)

MARCELA (*para Marisinha*): Depois do expediente a gente conversa. (*Para João*). Ô garotão, vamos? É, você mesmo. Vamos, broto?

JOÃO Aonde?

MARCELA Lá em cima, fazer nenê.

JOÃO Não senhora. Agradecido. Eu queria uma informação.

(Entra Casca-Grossa. Jeito de malandro, farsesco, se dirige a Marisinha)

LOCUTOR Estamos na rua dessa megalópole pra mais um programa da série “Cenas do dia-a-dia”. Como sempre estamos no *bas-fond*,

o reduto dos decaídos, dos marginais, das mulheres de vida aírada, dos proxenetas, no mundo cão, no submundo desta cidade grande. Os personagens desta cena são reais e o diretor implacável é a própria vida!

CASCA-GROSSA (com gestos e fala maneiros): Você tá falseando, garota. Eu não gosto disso. Você tem o rostinho lindo. Eu não quero amarrar.

LOCUTOR Casca-Grossa, o bandido, o marginal, o xerife da zona, o cafetão e sua vítima. Vítima da sociedade que se nega a olhar suas mazelas.

PEDINTE (para João): Uma esmola pra uma pobre cega.

MARCELA Não empata, porra! Espera a tua vez!

JOÃO A senhora é cega desde quando?

PEDINTE Desde quando eu fiquei paralítica, ó. (Mostra o braço.)

JOÃO E quando foi isso?

PEDINTE Quando meus pais morreram.

JOÃO Faz tempo?

PEDINTE Não me lembro direito. Não sei se foi antes de eu ter ficado com a espinhela caída ou depois do ataque do coração.

JOÃO Que coisa, meu Deus!

PEDINTE Nem me fale. E pensar que eu já estava quase sarando do aleijão que eu peguei nesse pé, olha. (Mostra o é aleijado.) Dê uma ajuda pra eu inteirar o dinheiro da passagem.

JOÃO Que passagem?

PEDINTE Para Campos de Jordão, tratar da minha tuberculose.

JOÃO Tuberculose?

PEDINTE Você sabe... O corpo vai ficando fraco. É o açúcar...

JOÃO Açúcar?

PEDINTE Açúcar no sangue. Sou diabética.

JOÃO Dia o quê?

PEDINTE Diabete, doença perigosa, principalmente quando a pessoa é epilética.

LOCUTOR E do meu lado esquerdo temos outros tipos que bem caracterizam o mafuá, que é esse subterrâneo de nossa sociedade: o caipira, o laranjinha, o pato que logo será depenado pelos esperialhões, pelos aproveitadores, pelos pungistas que pululam nessa camada social que todos se negam a olhar, mas no entanto existe.

MARISINHA Que você quer que eu faça?

CASCA GROSSA Que dance. Que entre na roda e ponha pra dançar, essa xota, porra! Olha pra minha cara. Essa carinha não sustenta vagabunda não.

MARISINHA Vagabundo é você!

(Casca Grossa sorri.)

LOCUTOR É agora que Casca-Grossa vai destilar sua fealdade. Ele bate.

CASCA-GROSSA (*ajeita o perfil do rosto de Marisinha, muito mansamente, confere o ângulo e desfere-lhe um tapa.*)

LOCUTOR Bate-lhe novamente

CASCA-GROSSA (*faz gestos para Marisinha, como se ela fosse integrante de uma barreira de futebol e bate-lhe novamente.*)

LOCUTOR E mais. E mais. E mais. (*Casca-Grossa bate-lhe sempre, farfescamente, repetindo o jogo anterior.*) E a vítima, senhores, presa da fúria incontrolável do vagabundo nem reage, apenas grita.

MARISINHA Covarde!

CASCA-GROSSA Pssssiiiiu!

MARISINHA Lazarento! Filho da Puta!

LOCUTOR Grita palavras de baixo calão, termos impublicáveis, vocábulos não radiáveis, senhores. E o bandido, o marginal sabendo-se impune, bate-lhe (*Casca Grossa o faz*), castiga-a, pune-a, estrangula-a e ela, senhores, ela, a pobre vítima, a inocente menina que veio de Minas e foi engolida pela cidade grande, ela, a menina não tem por quem clamar, não tem lei que ampare, pois no submundo a única lei é a lei do cão!

PEDINTE Olha lá, Marcelona.

MARCELA Dá-lhe, Casca!

JOÃO Meu Deus. Alguém ajude a pobre mocinha.

PEDINTE Todo dia, a mesma hora, Casca lhe dá um corretivo.

CASCA GROSSA Quero trabalho, garota. Quero profissionalismo. Eu quero sua xota rosa, vermelha, fumegante. Quero faturamento!

MARCELA Samba, otária, samba!

LOCUTOR Os que passam, não olham e se olham não interferem. Esta cidade está desumana, de-su-ma-na. (*Receosamente, João se aproxima de Casca Grossa que continua tentando estrangular Marisinha. Timidamente, chama atenção de Casca Grossa.*)

(Casca Grossa solta Marisinha e fixa João.)

CASCA GROSSA Fora, otário (*volta rapidamente para Marisinha espancando-a com fúria. João, outra vez, timidamente, interfere. Casca, que segurava Marisinha pelo pescoço, solta-a. Esta cai.*). Você é padre, herói ou otário?

JOÃO Olha, eu não quero incomodar. Mas se o senhor é o marido pode até ter razão, mas não envergonha a moça na rua.

CASCA GROSSA Marido? (*Ri.*) Fora, otário! (*Faz menção de continuar batendo em Marisinha.*)

JOÃO Não faz isso não, moço!

(Casca volta-se irritado para João.)

CASCA GROSSA O quê?

JOÃO (*assustado. Outro tom*): Não faz isso não, moço.

CASCA GROSSA Sabe quem sou eu? Casca Grossa!

JOÃO João Gregório. Encantado.

CASCA GROSSA (*tirando um canivete*): Eu não fui com a sua cara.

JOÃO (*amedrontado*): Eu até que fui com a sua.

CASCA GROSSA Brincando, não é? (*Cotuca-lhe com o canivete.*)

JOÃO Seu moço, isso fura!

CASCA GROSSA É mesmo? (*Faz menção de golpeá-lo.*)

MARISINHA Não, Casca.

| | |
|--------------|---|
| CASCA GROSSA | Cala a boca, Guria. |
| JOÃO | Cala não, moça! |
| MARISINHA | (se colocando ao lado de João. Convincente): Deixa o homem comigo, Casca. Por na roda pra dançar! |
| JOÃO | Deixa eu com ela, moço. Sem desavença. |
| CASCA GROSSA | (rindo): Taí, garota, gostei. Você não é tão trouxa. Mas você o-tário, toma cuidado. (Sai.) |
| MARISINHA | (baixo): Desgraçado! |
| JOÃO | Ele é o seu marido, moça? |
| MARISINHA | Marido? Só se eu fosse doida. É um sujeitinho à toa que pensa que manda na minha vida. Estamos quites. Você me salvou da surra e eu te salvei da facada. Segue o teu caminho. Ou você quer alguma coisa comigo? |
| MARCELA | Ô ordinária! Esse é freguês meu. |
| MARISINHA | Te enxerga. |
| MARCELA | Sujeitinha! Eu vou... |
| PEDINTE | Vai, não, Marcelona, tu te enrosca. |
| JOÃO | Acho melhor a gente ir indo... |
| MARISINHA | Eu não tenho medo. |
| MARCELA | Você precisa é de umas porradas, sua franguinha. |
| JOÃO | (indo na direção de Marcela): Não faz isso, dona, fica feio bri-gar na rua. |
| MARISINHA | É despeito dela. Velha não consegue homem. |
| JOÃO | (indo em direção a Marisinha): Não fale assim. Tem que respeitar os mais velhos. |
| PEDINTE | Deixa pra lá, Marcelona. |
| MARCELA | Não vai ser a primeira que eu estrago, putinha à toa. |
| JOÃO | (indo em direção a Marcela): Não ofende a moça, dona. |
| MARISINHA | Vaca velha! |
| JOÃO | Não vamos dar vexame. |
| MARCELA | Cala a boca você também, paspalho! |
| MARISINHA | (segurando João): Vamos. |

JOÃO Pra onde?

MARISINHA Pra minha cama.

JOÃO (*brejeiro*): Vô não.

MARISINHA Como é que não vai? Tenho cara de trouxa para você tomar meu tempo de graça?

MARCELA Tomou, otária?!

MARISINHA Cala a boca, rampeira velha.

MARCELA (*abrindo a bolsa*): Vou te riscar na gilette.

PEDINTE Vai sobrar pra mim. (*Sai.*)

MARISINHA (*se afastando*): Casca! Casca!

MARCELA (*investindo*): Corto você e corto ele. Vocês vão ter carreira curta. Ninguém samba na minha caveira!

(*Marisinha sai perseguida por Marcelona*)

JOÃO Eita cidade doida, sô!...

CENA 2

OS DELÍRIOS DE ATÍLIO RONCHETTO

(*Do lado contrário de onde saíram as duas, irrompe Atílio acompanhado de assobios, vaias, gritaria e risos.*)

ATÍLIO O que se vaia hoje se aplaude amanhã! Da discussão nasce a luz e (*voltando em direção à turba*) sai porrada e vai sair tabefe se não pararem de me encher o saco!

VOZ Vai pro hospício, velho!

ATÍLIO Não! Nem na prisão, nem hospício! Todo mundo na rua! Em casa só mulheres e criança. (*Grita.*) O nosso destino vai ser decidido na rua, não dentro de casa! Se esta cidade pega fogo temos que sair à rua para apagar o fogo ou pra ver a cidade queimar!

VOZ Aí, deputado! Meu voto é seu!

ATÍLIO Todo mundo à rua porque o chão que o homem pisa é por direito seu!

VOZES Cala a boca, velho. Peixe morre é pela boca.

ATÍLIO Silêncio.

VOZ Cadê sua mulher?

ATÍLIO Tá na zona com tua irmã.

(Risos)

VOZ Fala mais, velho!

ATÍLIO Nas voltas que o mundo dá, gavião vira sabiá. Vocês não sabem nada! Se vocês não sabem da caminhada de ontem, como vão saber a direção a seguir amanhã? Penso, logo, exuto! Não me lembro, logo, sei! Quem tiver ouvidos que ouça, quem tiver pernas que corra porque para mau entendedor meia palavra é bosta! (*Para João, que ouvia espantado o discurso.*) Entendeu?

JOÃO Não senhor.

ATÍLIO (*depois de estudar João*): Outro Saquarema! Que é que você veio fazer aqui? Todo dia o trem despeja gente na estação. Que é que você veio fazer aqui, Saquarema? (*João dá de ombros, humilde.*) Mas já que está aqui, fica. É aqui que as coisas se decidem. Fora daqui não tem salvação. (*Cumprimentando João*) Atílio Ronchetto, prazer.

JOÃO João Gregório, prazer...

ATÍLIO (*cortando*): Corri todo esse país, fiz de tudo, fui até o que não devia ter sido, mas um dia atrás do outro é que é a vida. (*Cochichando.*) Em 17 teve a maior greve que eu já vi. Aqui. (*Pausa*) Você não fala nada?

JOÃO Eu não queria...

ATÍLIO Chegando de viagem? Eu levo tua mala.

JOÃO Pode deixar.

ATÍLIO Não se preocupe, fui com a sua cara. Você é de onde? De um cù de Judas qualquer? Veio tentar a vida, não conhece nada desta zorra aqui e procura uma cama de pensão, não é? Vamos.

(*Pega a mala de João e inicia a saída*)

JOÃO Não carece.

ATÍLIO Deixa comigo. Já passa da meia noite. Esta cidade é uma selva e sem guia os homens perecem. Quem não está comigo, está contra mim. Vamos.

JOÃO Cidade esquisita!

ATÍLIO Esquisito é político pobre, criança quando nasce e água fria na bunda!

CENA 3

PENSÃO DE DONA MARIA

(Em cena Dona Maria. Entra Artidônio com rosto sonolento, trazendo um jornal.)

MARIA Sem sono outra vez, seu Artidônio? Eu queria falar com o senhor.

ARTIDÔNIO E eu posso dormir com a saca de café a esse preço?

MARIA Seu aluguel está atrasado.

ARTIDÔNIO Esse país precisa de alguém que o coloque nos eixos. Com o preço do café caindo desse jeito vamos falir de novo.

MARIA Se o café cai o senhor vende seus bilhetes, se sobe o senhor continua vendendo seus bilhetes. Se preocupe em vender os seus bilhetes, porque com o café caindo ou subindo, eu quero o aluguel do quarto em dia!

ARTIDÔNIO A senhora devia se importar mais com os destinos do país!

MARIA Não vem com conversa fiada! O senhor é vendedor de bilhetes de loteria e não um barão do café!

ARTIDÔNIO Mas quase fui! Se não fosse a quebra da bolsa de Nova York...

(Maya treina escala. Inicia a traviata.)

MARIA E vem ela! Eita pensão da Dona Maria, só da louco, ladrão e vadia! Ô dona Maya, abaixa o volume que o meu ouvido não é pinico! *(Maya cessa o canto.)* Respeita o horário.

ARTIDÔNIO A senhora não devia falar assim. Ela é uma artista.

MARIA Ela é tão artista como o senhor é fazendeiro.

MAYA *(entrando):* A senhora deveria respeitar um pouco mais o meu passado.

ARTIDÔNIO Se não fosse a crise de 29...

MARIA (para Maya): E a senhora devia respeitar o dia do aluguel!

MAYA A senhora sabe a minha história.

MARIA Sei e não quero ouvir de novo! (Sai.)

MAYA Se não fossem os bolcheviques (*cospe de lado*) eu não estaria ouvindo desaforos!

ARTIDÔNIO Se não fosse a crise do café...

MAYA Eu estava sendo preparada para ser a primadona da ópera de Moscou.

ARTIDÔNIO Eu estava pensando em comprar um palacete no Ipiranga.

MARIA (voz em off): E eu estava livre de vocês, cambada de caloteiros.

MAYA Eu estava em Petrogrado quando veio a notícia que os comunistas tinham derrubado o Czar Nicolau e tomando o poder...

ARTIDÔNIO O preço do café caiu...

MAYA Bolcheviques! (*Cospe.*)

ARTIDÔNIO Bolsa de Nova York! (*Cospe.*)

(*Entra Atílio furtivamente com João*)

ATÍLIO Vamos entrando, João. A casa não cheira muito bem, também as pessoas que moram nela são tão velhas que cheiram a natalina.

JOÃO Boa noite.

(*Os dois se viram.*)

ATÍLIO A companhia não é muito recomendável, mas pelo preço até que vale a pena. Aquela ali diz, mas não prova, que foi da nobreza russa e outro também diz, mas não prova, que foi fazendeiro de café.

MAYA Fui da nobreza russa e a cantora favorita do Czar.

ATÍLIO Na Rússia eu não sei, mas aqui no Brasil a senhora foi a favorita da estiva de Santos.

MAYA Insolente!

ARTIDÔNIO Respeite o nosso passado!

ATÍLIO E você, vai vender bilhete de loteria e fazer ponto de bicho!

ATÍLIO Oitenta.

MARIA Cento e vinte.

ATÍLIO Está resolvido. Cem cruzeiros e não se fala mais no assunto.

MARIA Está bem, está bem. Pagamento adiantado!

ATÍLIO Paga João. (*João paga. Atílio puxa João*) João, vem cá. Você não teria uns trocados, uns vinte cruzeiros pra cerveja? Não é exploração sobre os menos favorecidos, mas todo trabalho tem que ser remunerado! Não se pode... Não se pode ficar com a nossa mais valia (*alucinado*) em 17...

MARIA Não, seu Atílio! Pelo amor de Deus! Vai ter seus acessos de loucura lá na rua!

ATÍLIO Aqui em São Paulo, os trabalhadores...

MARIA Calma... Calma.... Eu sou a dona Maria, reconhece? dona Maya... Seu Artidônio...

ATÍLIO (*tentando se localizar no tempo*): Seu Artidônio... Barão do café... Presidente Arthur Bernardes...

MARIA Não... Seu Artidônio... Ex-barão do café... Estamos em 1960... Presidente Juscelino Kubistcheck... 1917 foi a muito tempo atrás!

ATÍLIO (*se restabelecendo*): Isso acontece até nas famílias mais aristocráticas. Boa noite Dona Maria. Boa noite João. E uma noite cheia de pesadelos de quebra de café e de bolcheviques para vocês dois. Ai dos vencidos! (*Sai.*)

MAYA Torpeza!

ARTIDÔNIO Vileza! Plebe ignara!

ATÍLIO (*voltando*): Parasita! Sangue-sugas sociais! É isso o que vocês são: uns inúteis!

(Discussão cresce entre eles. João olha espantado. Dona Maria tenta intervir enquanto a luz cai.)

CENA 4

JOÃO PERCORRE A CIDADE EM BUSCA DE EMPREGO

(Encontro com a suicida no viaduto do Chá.)

| | |
|-------------|--|
| SUICIDA | Não! Ninguém se aproxime! |
| RELIGIOSA | (em altos brados): Está escrito no livro sagrado. Só a Deus é permitido dar ou tirar a vida! Os suicidas não encontrarão lugar à direita de Deus. Aleluia, irmãos. |
| RADICALISTA | Alô, Edgard?! Espaço pra mim, daqui do viaduto do Chá, onde uma jovem mulher tenta se suicidar. Qual é a razão de seu tresloucado gesto? |
| MULHER | (a popular): É o terceiro, só esta semana. |
| POPULAR | É onda. Ela não se joga. |
| SUICIDA | (desesperada, teatral): Eu me jogo! Eu me jogo. Quer ver? (Faz menção de se jogar.) |
| RADICALISTA | Não! Diz primeiro a razão de seu tresloucado gesto. |
| SUICIDA | Pra morrer não é preciso razão. Basta cansar de estar vivo. |
| POPULAR | É onda. Se ela quisesse se jogar já teria feito. (Começa a vender bilhetes de loteria.) Vaca, macaco, borboleta! Vaca, macaco, borboleta! O premiado está na mão. |
| RADICALISTA | As razões, minha senhora. O público quer saber o que leva uma pessoa jovem como você ao suicídio. |
| RELIGIOSA | Deus te ama, Aleluia irmãos (canta.) “Foi na cruz, foi na cruz onde um dia eu vi, meus pecados castigados em Jesus”. |
| MULHER | Larga de besteira desce daí, dona! |
| SUICIDA | Não! Do alto do viaduto do Chá as pessoas do vale do Anhangabaú me contemplam. |
| RADICALISTA | Contemplam sim, ouvintes. Milhares de pessoas se reunem no Anhangabaú, o trânsito está praticamente parado na Prestes Maia. Nos prédios as pessoas assomam à janela e gritam: “Não se jogue”, “A esperança só morre com a vida”! |
| POPULAR | Ela se joga nada. Ela quer é aparecer! |
| SUICIDA | Razões, razões. Me pedem razões pra morrer! (Grita.) Me dêem razões pra viver. |
| RELIGIOSA | Deus te ama! |
| SUICIDA | Ele não paga meu aluguel. Ele não aumenta o salário do meu marido. |
| RELIGIOSA | Bem-aventurados os que sofrem, porque verão a Deus. |

RADICALISTA Diga alguma coisa aos nossos ouvintes.

(Entra João Gregório. Assunta o ambiente)

SUICIDA Eu me mato.

RADICALISTA Diga alô aos nossos ouvintes.

SUICIDA Alô ouvintes.

MULHER Faça isso não, dona.

POPULAR Como é? Se joga de uma vez! Vaca, macaco, borboleta!

JOÃO Que ela está fazendo?

RADICALISTA Ela vai se jogar, ouvintes. Dentro de instantes acontecerá o trágico desfecho. Edgard, ainda temos alguns segundos, pode soltar a mensagem de nosso patrocinador. Fique ligado amigo ouvinte, dentro de instantes, mais detalhes sobre esse possível trágico desenlace.

SUICIDA Eu me jogo.

RADICALISTAS Ainda não, por favor.

RELIGIOSA É o materialismo. São os pecados do mundo que trazem essas desgraças e afastam o homem do senhor!

POPULAR Desempata, porra!

RADICALISTA Pronto, dona. Alô, ouvintes, está chegando o momento dramático. Ela está sobre o parapeito do viaduto e entrará nas páginas de nossos jornais.

MULHER Vocês aí, sai de baixo que ela vai pular.

SUICIDA Eu não queria. Eu juro que não queria. (Chora.)

MULHER Pula de cabeça! Morre na hora e não sofre.

JOÃO Gente, não deixa não!

RADICALISTA Ela se prepara para o salto final. Eu sei que o meu tempo está se esgotando, Edgard, mas ela tá demorando, espere mais um pouco. Atenção dona...

TODOS Vai, vai, vai, vai...

SUICIDA Não, eu tenho medo.

JOÃO Me ajuda a segurar ela.

RADICALISTA Fica quieto!

| | |
|-------------|--|
| JOÃO | Ela vai se jogar. |
| POPULAR | Sai daí, caipira. |
| SUICIDA | Não, eu não quero me matar! |
| POPULAR | Agora não! Tem que se jogar sim. Pensa que a gente é trouxa. Que a gente tá plantado aqui de graça. |
| RELIGIOSA | Sua morte é um aviso dos céus. Fé em Deus. |
| POPULAR | E pé na tábua. |
| MULHER | Vamos, coragem. |
| RADICALISTA | Meu tempo está acabando. É o maior furo que eu dou. Não me faz uma coisa dessa. O público inteiro te espera, te aplaude, aplaude seu heroísmo, sua denúncia contra as injustiças sociais desse mundo. Vai. |

(Suicida faz menção de se atirar. João corre em sua direção)

JOÃO Não! (Agarra a mulher e a traz.) Não faça isso.

RADICALISTA Quem é esse cara?

POPULAR Corta! Que é que você está fazendo idiota.

SUICIDA Me larga, me solta!

JOÃO Não se mate. Não carece disso. Fica calma.

SUICIDA Ninguém vai se matar.

POPULAR Estragou tudo. Meeeeeeeeeeeeerdaaaaa! (Arranca os cabelos, joga o boné ao chão)

RELIGIOSA Solta a Miriam.

JOÃO Você conhece ela?

POPULAR Tudo por água abaixo por causa desse imbecil. Contra-regra! Minha melhor cena! Quem deixou esse imbecil entrar?

SUICIDA (para João): Viu o que você fez? Estragou o filme.

POPULAR Filme, imbecil! Filme! Cinema Novo!

JOÃO Ela não ia se matar de verdade?

POPULAR Não, idiota. Essa seria a melhor cena do meu melhor filme. Você sabe quanto custa um metro de filme virgem? Quanto custa

o aluguel das câmeras? Está me dando vontade de modificar um pouco a cena. Filmar agora uma cena de homicídio. (Vai em direção de João.)

JOÃO Eu não tive intenção. Desculpe. (Corre, outros correm atrás).

CENA 5

(A dona da casa limpa o ambiente. Entra João)

JOÃO Dá licença? É aqui que precisa de empregado?

PORTUGUESA O que sabes fazer?

JOÃO De tudo, um pouco.

PORTUGUESA Sabes ler e escrever?

JOÃO Um pouco.

PORTUGUESA Sabes diferenciar uma sardinha de um bacalhau? Queijo de Parma de queijo de Minas? Sabes pensar? Sabes servir no balcão?

JOÃO Um pouco.

PORTUGUESA Amanhã começas a trabalhar.

JOÃO Quanto a senhora paga?

PORTUGUESA No começo pouco, depois um pouquinho mais.

JOÃO Quanto é, em dinheiro?

PORTUGUESA Mais do que eu quero dar, menos do que você imagina.

JOÃO Pra começo, está bem. E o serviço?

PORTUGUESA Vender, comprar, limpar, arrumar. Um pouco de tudo.

JOÃO O horário de trabalho

PORTUGUESA Da hora que abre à hora que fecha

JOÃO Entendo

PORTUGUESA Aos sábados, abre um pouco mais cedo

ção...

JOÃO Trabalha também de sábado?

PORTUGUESA Mas domingo só se trabalha até as duas da tarde.

JOÃO Melhor.

PORTUGUESA Tens carteira de trabalho?

JOÃO Ainda não.

PORTUGUESA É bom, porque eu não registro. Se te perguntarem, fala que você é meu sobrinho.

JOÃO Tem horário de almoço?

PORTUGUESA É claro que tenho. Eu tenho duas horas, tu comes quando não tem freguês. Tu gostas de política? Política aqui não se discute. Em quem votaste na última eleição?

JOÃO Não sei.

PORTUGUESA Como não sabes?

JOÃO O seu Deolindo, grandão lá da minha cidade, dava pra gente o papel já fechado.

PORTUGUESA E tu não perguntavas em quem estava votando.

JOÃO Um dia eu perguntei em quem tava votando, mas ele falou que o voto era secreto, que ninguém podia saber. Então...

PORTUGUESA Depois falam dos portugueses! Então estamos combinados. Amanhã tu me apareces dez minutos antes da hora de abrir.

JOÃO Que horas a senhora abre?

PORTUGUESA Dez minutos depois que tu chegares. Mas antes de te contratar, deixa-me perguntar umas coisitas. Tu respeitas as mulheres?

JOÃO Sim, senhora.

PORTUGUESA E as donzelas?

JOÃO Sim, senhora.

PORTUGUESA E as viúvas? Não respondas ainda. Eu te pergunto isso porque já faz cinco anos que meu finado marido morreu. E tudo quanto é gajo pensa que uma viúva é louca para que alguém esquente o lugar do marido na cama.

JOÃO É sim, senhora.

PORTUGUESA Que queres dizer?

JOÃO Que os outros pensam que uma viúva é louca para que alguém esquente o lugar do marido. Eu não penso.

PORTRUGUESA Não pensas? Nunca te passou pelo toutiço que uma mulher perde marido mas não perde o fogo? Que se enterra o marrido mas não se enterra as... partes?

JOÃO Não senhora.

PORTRUGUESA Bom, porque eu não gosto de confianças. Porque eu sei como são essas coisas: uma beliscadinha nas ancas (*belisca João*), uma gracinha nas orelhinhas e pronto: a viúva traiu o finado. Tu percebes? Ahh? (*João tímido.*) Bem, estamos conversados. Não quero que me olhes ao pé da escada quando eu subir pra pegar lata de óleo na prateleira, percebes?

JOÃO Sim, senhora.

PORTRUGUESA Não gosto quando às vezes que tenho que sentar assim (*sen- ta-se*) e o gajo fique me olhando as pernas quando o vestido desce, assim (*descobre as pernas*). E principalmente, não gosto que os gajos segurem meus peitos (*pega a mão de João e a coloca sobre seu peito*) e os amarfanhem assim (*aperta a mão de João sobre o seu peito*) como tu estás fazendo. Entendeu o que eu quero?

JOÃO Sim, senhora.

PORTRUGUESA Que queres dizer com sim, senhora.

JOÃO Com sim senhora, eu quero dizer não senhora. Que a senhora não quer nada disso.

PORTRUGUESA (*com um leve traço de desânimo*): Percebes bem. (*Se solta de João.*) E por último, não gosto de mãos nas ancas, especialmente quando as mãos, das ancas descem um bocadito... (*Excitada.*) Mais... Abaixo... Naquele sítio íntimo... Porque me dá um calafrio, depois sobe um fogo nas orelhas e eu me desfaleço... E me estendo ao comprido no solo. (*Persuasiva.*) Percebes? Não quero isso, principalmente depois que os fregueses já se joram e ficamos aqui dentro nós, só nós dois, sozinhos, para conferir a férias. Percebestes bem?

JOÃO Sim, senhora.

PORTRUGUESA (*desanimada*): Raios, que com esta cara és bem capaz de ter compreendido mesmo! Vai-te embora e me apareça aqui amanhã para o trabalho.

JOÃO (*tentando entender*): Dez minutos antes da senhora abrir.

PORUGUESA Exatamente.

JOÃO E como eu sei a hora que a senhora abre?

PORUGUESA Eu abro dez minutos depois que tu chegares.

JOÃO Ah, certo. Eu tinha esquecido. (*Saindo.*) Ela abre dez minutos depois... E eu devo chegar dez minutos antes... Que confusão.

CENA 6

VARIADOS ENCONTROS

(*Alípio entra em cena carregando um ponto de ônibus. Coloca-o no centro do palco e se posta esperando a condução. Abre um jornal e começa a lê-lo. Atílio entra, coloca-se ao lado de Alípio e lê o jornal por sobre o seu ombro. Alípio sente-se incomodado e olha rapidamente para Atílio, pensa e olha novamente para Atílio como que tentando lembrar-se. Atílio faz o mesmo.*)

ATÍLIO Eu não te conheço?

ALÍPIO Você também não me é estranho.

ATÍLIO De onde?

ALÍPIO (*pensando*): Não sei, mas tenho certeza que te conheço de algum lugar.

ATÍLIO Como é o seu nome?

ALÍPIO Alípio, e o seu?

ATÍLIO Atílio.

ALÍPIO Atílio... Atílio... não. O nome não me lembra nada.

ATÍLIO Mas tenho certeza que nós já nos encontramos muitas vezes. Já sei! Em 52 você fazia comício na campanha do Petróleo é Nossa! Você lembra? Grande vitória!

ALÍPIO Eu nunca fiz comício na Campanha do Petróleo.

ATÍLIO Não? Então devia ser outra pessoa parecida. (*Breve pausa.*) E por quê? Você era contra a nacionalização do petróleo. Era um entreguista? Contra a Petrobrás, seu Alípio?

ALÍPIO Não é isso. É que nunca fiz comício na vida.

ATÍLIO Nem participava de manifestações de rua?

ALÍPIO Uma vez só, em 37, pela causa integralista.

ATÍLIO Causa integralista? Você foi um direitista, um galinha verde?

ALÍPIO Coisas do passado. Arroubos juvenis.

ATÍLIO Não era você que, em 33, dizia que era preciso derrubar Getúlio, instaurar uma democracia popular? Você cirou a casaca, Alípio.

ALÍPIO É isso! Agora me lembro de você! Em 32 nós dois fomos nos alistarmos como voluntários na Revolução Constitucionalista.

ATÍLIO Fique o senhor sabendo que eu nunca participei da Revolução de 32.

ALÍPIO É isso. Depois que perde, ninguém quer assumir a responsabilidade. Se a gente tivesse ganho em 32 tava todo mundo falando que era constitucionalista.

ATÍLIO Eu te conheci na grave dos gráficos em 29 fazendo agitação pro partido comunista! O senhor está louco!

ALÍPIO Você bebeu!

ATÍLIO Você é que está velho, caducando! Quem diria, hein, seu Alípio, a gente se conhece esse tempo todo e só agora eu percebo essa sua faceta.

ALÍPIO Pelo que você falou, eu estou até duvidando que a gente tenha se conhecido!

ATÍLIO Quer passar uma borracha no passado? Não basta negar os princípios? Quer apagar da lembrança os amigos? É sempre assim...

(Entra mulher apressada.)

MULHER Os senhores poderiam me dar uma informação? Eu preciso ir num lugar, estava com o endereço na mão, mas perdi. Eu preciso ir lá.

ATÍLIO Lá aonde?

MULHER Não sei.

ALÍPIO Como é que a senhora sai de casa para ir num lugar que não sabe onde é?

MULHER Eu sabia. A rua era não sei o quê de julho.

ALÍPIO 9 de julho?

MULHER É isso!

ATÍLIO Não era 5 de julho?

MULHER Agora não sei.

ALÍPIO Não confunda a dona. É rua 9 de julho, dia da revolução de 32.

ATÍLIO Podia ser 5 de julho, dia da revolução de 1924.

ALÍPIO 9 de julho.

ATÍLIO 9 de julho não foi revolução que se prezasse.

ATÍLIO E a de 5 de julho, foi?

ATÍLIO A de 5 de julho tinha apoio popular.

MULHER Por favor, eu estou com pressa. A 9 de julho e a de 5 de julho são muito longe uma da outra?

ATÍLIO São duas direções totalmente contrárias. 9 de julho foi em 32, feita pelos aristocratas contra Getúlio. 5 de Julho foi em 24 contra Arthur Bernardes, com apoio do povo.

ALÍPIO Vai na 9 de julho.

ATÍLIO Você é um vira-casaca, conservador, Alípio. Por isso quer que ela vá numa revolução da aristocracia cafeeira.

ALÍPIO E você?! Um populista, um anarquista, um comunista. Por isso está indicando a revolução de 5 de julho. Em 32 nós caímos, mas caímos de pé. Não fugimos como as tropas de Isidoro fizeram em 24.

ATÍLIO Isidoro teve que fugir porque desprezou o apoio popular. Aí, então, minha senhora, as tropas de Arthur Bernardes tomaram a cidade.

MULHER Pelo amor de Deus! O senhor (*Para Alípio.*) me diz onde é a 9 de julho, e o senhor (*Para Atílio.*) me diz onde é a 5 de julho. Eu vou em uma, se não for lá eu vou na outra.

ATÍLIO Não senhora! Isso é oportunismo! Então a senhora vai numa revolução, perde e depois passa pro outro lado? Se decida minha senhora, a senhora quer uma revolução com o apoio popular ou uma com o apoio da aristocracia?

MULHER (*exasperada*): Eu não quero revolução nenhuma!

ATÍLIO Imobilista! Quer ficar em cima do muro! É uma posição muito típica!

MULHER Vocês são loucos! (*Sai.*)

ALÍPIO Ela vai pra onde?

ATÍLIO Sei lá! Com certeza vai se asilar em alguma embaixada estrangeira antes que a coisa estoure. Onde é que você vai agora?

ALÍPIO Cansei de esperar o ônibus, vou pra casa a pé mesmo. Tchau seu Atílio.

ATÍLIO Tchau seu Alípio (*Alípio dirige-se à saída.*). Lembranças pra sua mulher, dona Altina.

ALÍPIO Ela se chama Maurinha.

ATÍLIO Trocou de partido, de ideologia e de mulher! (*Vai saindo em direção contrária, encontra mulher chorando.*) Aconteceu alguma coisa?

MULHER Meu marido morreu.

ATÍLIO Sujeito bom.

MULHER O senhor conhecia.

ATÍLIO Como era o nome dele?

MULHER Antônio.

ATÍLIO Meu Deus! O Antônio morreu? Onde é o velório?

MULHER Ali perto.

ATÍLIO Eu vou com você. (*Entra João Gregório.*) João! (*Corre em direção de João e o abraça efusivamente.*) Como está?

JOÃO Ô, seu Atílio, que casa de doido o senhor me levou! O pessoal lá parece que bebe.

ATÍLIO Eu conheço uma outra pensão ótima. Vamos pra lá.

JOÃO Não, obrigado. Eu estou trabalhando numa venda e a dona, uma portuguesa, fez que fez pra que eu fosse morar num quarto lá no serviço.

ATÍLIO Arranjou emprego? Ótimo. Vamos comemorar. (*Faz menção de sair, mulher soluça.*) Esse é o João Gregório. Essa é a mulher do falecido. Acabou de perder o marido inda agorinha.

JOÃO (*que já havia estendido a mão*): Satisfação... (*embaraçado*) Meus pêsames.

ATÍLIO Vamos indo pro velório.

JOÃO Desculpa, seu Atílio, mas eu não posso ir. Sabe o que é? Não é que eu não esteja querendo ir pro velório, não; eu quero. Mas

é que a dona da venda a portuguesa, falou que ia passar, logo mais à tarde lá na venda pra conferir uma mercadoria.

ATÍLIO Um pouco mais de respeito, João! Você não vê a dor dessa mulher. O marido acabou de morrer.

JOÃO Só que eu...

ATÍLIO Isso! A gente dá uma passadinha lá, cumprimenta a família, dá o último adeus ao morto, toma uma cachaça pra lavar a alma, come uns bolinhos pra forrar o estômago, fecha o paletó de madeira e vamos embora. Combinado? (*Sem esperar a resposta.*) Então vamos!

CENA 7

O VELÓRIO

(Um morto estendido sobre a mesa. Duas mulheres velam o morto, juntamente com o irmão do morto.)

MULHER 1 Velório concorrido! Três pessoas contando com nós duas. Nem os parentes vieram.

MULHER 2 Também! Por quem morreu! Sujeitinho ruim e ordinário está aí. Quando foi comerciante roubava no peso, quando era carcereiro batia nos presos.

MULHER 1 Enganou mulheres, despejou viúvas. Era capaz de vender a mãe e dar o pai de troco.

MULHER 2 Capaz de bater mãe com soco inglês.

MULHER 1 Martelar dedo de recém nascido.

MULHER 2 Espanhol safado.

MULHER 1 O mundo não perdeu nada.

(Irmão soluça)

IRMÃO Meu irmão! Meu pobre irmão!

MULHER 2 Isso é falsidade.

IRMÃO Porque não morri em seu lugar?! Deus, Deus, Deus!

MULHER 1 (*consolando o homem*): Não fique assim! Os bons sempre vão primeiro. Agora ele está melhor que nós aqui na Terra.

MULHER 2 Ele passou dessa para melhor.

(As duas conduzem o irmão a uma cadeira.)

MULHER 1 Tudo falso.
MULHER 2 E a viúva?
MULHER 1 Até agora não veio. Sabe Deus o que está fazendo!

(Entra a viúva acompanhada de Atílio e João.)

JOÃO *(tentando ser agradável):* Boa noite pra todos.

(Todos olham espantados.)

ATÍLIO *(cutucando João):* Em velório não se dá boa noite!
JOÃO É. Acho que não é uma noite muito boa.
VIÚVA *(apresentando):* Dois amigos do Antônio.
ATÍLIO *(põe a mão direita sobre o peito e curva a cabeça respeitosamente):* Meus pêsames, senhoras. Meus pêsames, senhor.
MULHERES E Igualmente.
HOMEM
JOÃO Igualmente eu também.
MULHER 2 Que coisa! Eu nunca soube que o Antônio tivesse um amigo sequer, agora me aparecem dois!
VIÚVA *(como se, de repente, se lembrasse do morto, um misto de farsa e comédia):* Antônio! *(Vira-se para o morto cobrindo o rosto.)* Eu não quero ver! Porque meus olhos não são cegos, senhor, para não ver essa desgraça. *(Abre os olhos.)* Meu marido! *(Joga-se sobre o morto.)* Meu adorado marido!
ATÍLIO *(tentando afastá-la):* Calma, minha senhora!
VIÚVA Eu quero ser enterrada com ele.
ATÍLIO Minha dor é também a sua. Deus chamou o pobre homem.
MULHER 2 Até que não seria má idéia enterrar também essa sirigaita hipócrita!
MULHER 1 Por quê?
MULHER 2 Traía o marido com o próprio cunhado e agora fica aí fazendo fita.
MULHER 1 Ela fazia isso?
MULHER 2 Com aquele sujeitinho ali. *(Aponta para o irmão.)*

VIÚVA Antônio! Meu Antônio!

IRMÃO Irmão! Meu irmão!

VIÚVA Cunhado! Meu cunhado! (*Abraçam-se.*)

ATÍLIO Gente! Minha gente! Não vamos ficar assim! (*Toma a viúva.*)
Uma bebida lhe fará bem. (*Leva a viúva para dentro juntamente com mulher 2.*)

VIÚVA Não! Eu não quero beber!

MULHER 2 Um conhaque vai te reanimar.

VIÚVA Não! Por favor, conhaque nacional, não! Arranje um conhaque francês!

IRMÃO Meu irmão!

MULHER 1 (*para João*): Morte é uma coisa tão triste!

JOÃO É, sim senhora!

IRMÃO Ainda ontem estava forte, vivo, cheio de saúde...

MULHER 1 O que é a vida!

JOÃO Pois é.

IRMÃO Pra morrer basta estar vivo.

MULHER 1 Que a terra lhe seja leve.

JOÃO Que Deus o receba.

IRMÃO A vida é uma chama. A morte é um sopro.

ATÍLIO (*volta seguido da viúva e da mulher 2. Para João*): Vai lá na cozinha que tem bebida e salgadinho. Vai que é de graça.

JOÃO Eu preciso voltar na venda, trabalhar.

ATÍLIO (*dando um gole na bebida*): Isso é uma exploração. Onde já se viu trabalhar também de noite. A jornada de trabalho deve ser de oito horas! Nada além de oito horas!

JOÃO (*ressabiado*): V'ambora, seu Atílio. Daqui a pouco o senhor faz uma confusão aqui dentro.

ATÍLIO Tem mais é que fazer confusão.

JOÃO Calma, seu Atílio! Tá todo mundo olhando.

ATÍLIO Calma nada! Como é que eu posso ter calma. Como é que alguém pode ter calma quando olha o morto, o meu amigo...

(*Descobre o morto e olha, pausa, puxa João.*) João! Eu não conheço ele.

JOÃO O senhor não conhece o morto?

ATÍLIO Não conheço agora que está morto, nem conheci quando era vivo. Eu confundi.

JOÃO Seu Atílio, vam'bora!

VIÚVA Faça a oração fúnebre, senhor!

JOÃO Eu vou embora.

ATÍLIO (*segurando-o*): Espere. Eu falo umas coisinhas e a gente sai. (*João fica.*) Meus amigos, estamos aqui reunidos para pedir a Deus pela alma de seu servo Anselmo...

VIÚVA Antônio.

ATÍLIO Antônio. Ainda ontem eu o via sereno, andando pelas **ruas** ruas.

MULHER 1 (*para mulher 2*): Estava de cama fazia dois meses!

ATÍLIO ...E hoje está aí, fulminado por um ataque cardíaco.

VIÚVA Pneumonia, senhor.

ATÍLIO Sim, a pneumonia fez parar para sempre esse coração generoso. (*Começando a se inflamar.*) Quem vai sustentar os filhos!

IRMÃO (*se levantando*): Ele não tinha filhos!

ATÍLIO Quem o matou que sustente sua família!

VIÚVA (*para João*): De quem é que ele está falando?

JOÃO Do amigo dele.

ATÍLIO E nessa hora devemos todos perguntar: até quando suportaremos estes desmandos? Até quando nossos olhos vão ver os assassinatos frios?

MULHER 1 Ele é louco!

JOÃO Fica quieto, seu Atílio!

ATÍLIO Não podemos ficar quietos. Saímos às ruas! Que o cortejo atravesse toda a São Paulo. Que ninguém fique em casa!

IRMÃO Quem são vocês? Que vieram fazer aqui? Quem são eles cunhada?

VIÚVA Não sei. Falaram que eram amigos de Antônio.

ATÍLIO É preciso mostrar quem somos! Que não nos intimidamos ante a brutalidade!

JOÃO (assustado): Seu Atílio... Por favor...

ATÍLIO Por favor não que agora não pedimos. Agora exigimos!

VIÚVA (ao cunhado): Faz ele calar a boca.

MULHER 2 Meu Deus!

IRMÃO (a João): Sai já daqui.

JOÃO Sim senhor. (Vai saindo e é segurado.)

IRMÃO Leve esse louco também!

ATÍLIO Exigimos nada além de oito horas de trabalho! Fim da jornada noturna para mulheres e crianças! Aumento de salário.

MULHER 1 Segura ele!

VIÚVA Chama a polícia!

ATÍLIO Que venha!

JOÃO Pelo amor de Deus, seu Atílio!

ATÍLIO Hoje não temos mais medo. Morreu o anarquista! Viva o anarquismo! (O irmão do morto o segura, Atílio se debate e solta frases entrecortadas.) Não vão nos parar. Não existe prisões em número bastante para todos nós.

MULHERES Minha nossa Senhora! Segura! Polícia! Socorro que ele é louco! Etc...

(Luz cai em resistência.)

CENA 8

PRISÃO E PERDA DO EMPREGO

ATÍLIO Eu quero sair! Eu exijo *habeas-corpus*! Quero falar com Sobral Pinto. Com o presidente da OAB!

JOÃO Que coisa, siô! Parece que bebe!

ATÍLIO Quero falar com o presidente da OAB!

JOÃO Home, fica quieto! O guarda já prometeu dar uma borrachada em nós!

ATÍLIO A gente não pode ficar calado. (*Grita.*) Exigimos nossos direitos constitucionais!

JOÃO Fica quieto que o senhor arruma mais confusão!

ATÍLIO É na confusão que está o caminho!

JOÃO Me desculpe, mas o senhor não é meio esquisito, não? Fala uma coisa, depois fala outra, uma misturada...

ATÍLIO Que misturada?

JOÃO Lá no velório começou a falar uma coisa... Parecia até que tava com o danado no corpo, fez confusão.

ATÍLIO Bah! Uma confusãozinha à toa!

JOÃO Confuzãozinha à toa, mas já estamos presos faz dois dias. O senhor parece que bebe, seu Atílio!

ATÍLIO Dois dias?

JOÃO É.

ATÍLIO (*gritando para fora*): Não se pode prender um cidadão por mais de 24 horas sem culpa formada! (*Voltando-se rapidamente para João.*) Sabe o que acontece... Essa minha cabeça. Eu vi o corpo do homem lá e comecei a ver coisas...

JOÃO O senhor tem que rezar pras almas do purgatório!

ATÍLIO Me lembrei da greve de 17. Você precisava ter visto.

JOÃO Não dava, eu nasci em 35.

ATÍLIO Não, em 35 foi a intentona comunista. Eu estou falando de outra coisa, da greve anarquista de 17. Mais de 70 mil trabalhadores na rua. Nós paramos São Paulo inteira. Porque não é possível viver com esse salário que a gente ganha. Todo mundo na rua!

JOÃO Ih, vai começar de novo! Seu Atílio! Seu Atílio! Que coisa!

ATÍLIO (*voltando a lucidez*): Dois dias de cadeia! Já sei. Vamos fazer uma greve de fome!

JOÃO Mas se estamos aqui há dois dias sem comer nada...

ATÍLIO Não faz mal. Essa não é a primeira vez. A cadeia nos tempera para a luta. Eu me lembro que no Estado Novo...

JOÃO (*meio revoltado*): Se tempera ou não tempera, o senhor é quem sabe. Eu prefiro comer sem tempero! Olha, seu Atílio, não leve

a mal, não é que eu não goste do senhor; gosto. Mas o senhor só me arruma encrenca. Eu já tava empregado, tava numa pensão boa...

ATÍLIO Eu sei que tenho uma dívida com você. E vou pagá-la. Eu nunca deixo de cumprir meus compromissos! Sou homem de uma palavra só!

GUARDA Vão levantando o rabo! Cai fora! Essa pensão já tem novo inquilino!

ATÍLIO (afrontado): Sabe que o povo francês fez com a prisão de Bas-tilha?

GUARDA Enfiou na bunda.

ATÍLIO Enfiou na bunda do rei!

JOÃO Fica quieto seu Atílio!

GUARDA Vai dando o fora que eu não estou pra muita trela, não.

(Atílio vai saindo digno, superior.)

ATÍLIO (falando baixo, mas como se estivesse fazendo um discurso): Um dia as bastilhas vão cair!

JOÃO (puxando Atílio): Vam'bora, home. (Arrasta Atílio.)

ATÍLIO O povo unido...

JOÃO (revoltado): Mai fica quieto, sô!

ATÍLIO Tá bem, tá bem! A provocação não leva a nada, eu concordo. É preciso, primeiro, nos unir pra depois desafiar. Pra onde você vai?

JOÃO (amuado): Pra onde eu vou! Vou ver se consigo meu emprego de volta.

ATÍLIO Eu vou com você!

JOÃO Olha, seu Atílio, eu acho melhor que o senhor não vá, não.

ATÍLIO Não. Nem mais uma palavra. Afinal de contas você entrou nessa enrascada foi por minha conta.

JOÃO Seu Atílio...

ATÍLIO Eu sei que você não quer abusar da minha boa vontade, mas eu faço questão.

JOÃO (desanimado): Tá bom, tá bom! Mas deixa eu falar com a dona.

CENA 9

VENDA, BRIGA E SEPARAÇÃO

JOÃO Dá licença, dona?

PORTUGUESA Com o quê, o gajo, depois de uma semana de trabalho tira férias!

JOÃO Foi férias não. Eu tive uns problemas.

PORTUGUESA Arranjou mais um. Estás desempregado.

(Atílio vai falar, mas consegue se conter a custo.)

PORTUGUESA (*intencional*): Tu faltaste no dia em que eu estava mais necessitada dos... seus serviços. (*Despeitada*.) Com certeza já arranjaste patroa melhor do que eu. (*Irritada*.) Quem pensas que és? Como tu tem três ou quatro todo dia aqui na minha porta procurando emprego!

(Atílio novamente vai falar, mas se contém.)

JOÃO Por favor, dona, me deixa no emprego.

PORTUGUESA Comigo tu poderias ir adiante. Mas não quiserestes.

JOÃO Não é que não queria. Queria, mas...

PORTUGUESA Deixe-me pensar... Se te empregar novamente (*intencional*), farás serão hoje?

JOÃO (contente): Sim, senhora.

PORTUGUESA (*intencional*): E todas as vezes que eu pedir?

JOÃO Sim senhora.

PORTUGUESA Além disso descontarei os dois dias que perdestes mais o domingo e o feriado!

ATÍLIO Não, não está bem não senhora!

JOÃO Fica quieto, seu Atílio!

ATÍLIO Fica quieto, não senhor!

PORTUGUESA Quem é esse velho?

JOÃO Ele é...

ATÍLIO Eu sou amigo, protetor, conselheiro e advogado do João.

JOÃO Seu Atílio...

PORTUGUESA És advogado?

ATÍLIO Advogado! CREA 295, barra 59, traço 561. (*Para João.*) É pra impressionar. Faça as coisas direito senão a questão vai ser discutida na Alçada do Júri.

PORTUGUESA É essa então a paga que eu tenho, João?

JOÃO Não é não, dona. Seu Atílio, não faz confusão!

ATÍLIO Agora é que eu faço! A senhora especula a lei da oferta e da procura, se aproveita da sua condição de proprietária pra explorar um pobre proletário (*aponta para João*) que só tem sua força de trabalho para vender.

JOÃO Pelo amor de Deus, seu Atílio! Eu vou perder o emprego!

PORTUGUESA Começo a perceber. Bela coisa tu me saiste!

JOÃO Não é isso não, dona. Ele que quis vir atrás de mim. Ele faz misturada com as coisas.

ATÍLIO Vou denunciá-la ao sindicato. Vamos fechar esta espelunca! O João não quer mais o seu emprego.

JOÃO Quero sim!

PORTUGUESA Mas nem que quisesses! Estás desempregado novamente. (*Pega a mala de João.*) E procuras outro canto para morar.

JOÃO Minha senhora...

PORTUGUESA Raspa-te daqui ou chamo a polícia.

ATÍLIO Quando la forza de la razion contrasta, vince la forza la razion non basta.

JOÃO Fica quieto, seu Atílio! Dona...

ATÍLIO (*puxando João*): Não vamos entrar em negociação, não, João. Isso vai ser decidido pelo sindicato!

PORTUGUESA Eu vou chamar a polícia.

JOÃO Vamos embora, seu Atílio.

PORTUGUESA (*jogando a mala de João*): Leve as suas coisas.

(*João pega as coisas e arrasta Atílio.*)

ATÍLIO E os dias que ele trabalhou?

PORTUGUESA (*pegando o dinheiro*): Eu pago porque sou honesta. Tome. E saiam daqui.

JOÃO (*pegando o dinheiro*): Vamos embora, seu Atílio. A gente acaba preso de novo!

ATÍLIO A exploração do homem pelo homem vai acabar! (*João já se adiantou, Atílio foi atrás.*) Espere aí, João. (*Com João.*) Ela te pagou os dias, uma pequena vitória. Vamos à vitória total!

JOÃO Que vitória, seu Atílio? Perdi o emprego.

ATÍLIO Isso não vai ficar assim. Vamos fazer greve. Vamos pedir o apoio de outras categorias, do CGT. Vamos aos jornais.

JOÃO Greve de um desempregado e de um aposentado, seu Atílio?

ATÍLIO (*pausa*): É. Acho que não vai dar. Mas não se preocupe, eu arranjo as coisas pra você.

JOÃO Sozinho eu consegui arrumar emprego. Com o senhor eu consegui ser depedido duas vezes em cinco minutos!

ATÍLIO Esse emprego não valia nada. Você não pode aceitar qualquer coisa!

JOÃO Eu falei pro senhor ficar quieto. Eu tinha emprego e dormida, agora taí! Só tenho três mil réis no bolso. Ou eu guardo esse dinheiro pra comer ou pago uma pensão. Ou eu como ou eu durmo.

ATÍLIO Deixa que eu resolvo. Olha...

JOÃO O senhor vai me desculpar, seu Atílio, mas é melhor cada um seguir seu rumo.

ATÍLIO Não. Eu não concordo, vamos colocar em votação. Eu digo não.

JOÃO Eu digo sim.

ATÍLIO Empatado. Vamos adiar a discussão, continuamos juntos.

JOÃO Chega, seu Atílio! Não vai me levar a mal, mas é assim que são as coisas!

ATÍLIO Está bem. O atraso político é bem característico do camponês!

JOÃO O senhor parece que bebe! Não sabe o que fala!

ATÍLIO Não sei o que falo?! Eu conheço a história, eu fiz a história!

JOÃO O senhor tem é cabeça fraca!

ATÍLIO É isso que dá tentar ajudar. Meter alguma coisa na cabeça de um tabaréu.

JOÃO O senhor é um cabeça fraca!

ATÍLIO E você é um saquarema!

JOÃO Doido!

ATÍLIO Capiau!

JOÃO Miolo mole!

ATÍLIO Matuto!

JOÃO Maluco!

ATÍLIO Você é um... Um... Não vamos brigar por uma coisinha à toa. Se a gente se divide eles reinam. A gente forma uma boa dupla.

JOÃO (*chateado*): Tchau, seu Atílio!

ATÍLIO (*depois de uma pausa*): Está bem! Eu vou! (*Sai e volta*.) Você vai se arrepender. Ninguém joga fora anos de experiência impunemente! Não há nada como um dia atrás do outro. O mundo é redondo e na curva o trem apita. (*Sai e volta, quase pendendo*.) Pensa bem, João.

JOÃO Eu já pensei, seu Atílio. Cada um segue o seu trilhado.

ATÍLIO Eu ainda vou te encontrar aqui mesmo, nessa praça, na rua da amargura, num mato sem cachorro, vertendo lágrimas de sangue, fudido e mal pago! Divisionista! (*Sai*.)

CENA 10

JOÃO DECIDE FICAR NA CIDADE

JOÃO (*com um gesto de enfado na direção que Atílio saiu*): Diacho! Parece que bebe! Parece que tá com o danado no corpo, ex-

comungado sem perdão! Home esquisito! Dana a falar coisa e me atrasar a vida! Vai embora mesmo! **Tso**. Se me dá na cabeça eu volto no mesmo passo que vim. Pego trem e volto. O home é do lugar que foi plantado. Cada qual tem o seu traçado, seu destino, seu já escrito que é o que o home não muda e Deus já assinô. E quando eu chegá, que me chamem de sujeito à toa, que num faiz parada! Num ligo. Se falarem que sô home errado, sem sustança eu deixo que falem, oras! Num arranca pedaço! Diacho! Eu já tava com meio caminho andado. Voltar. Se eu quiser eu volto que essa cidade num presta. E se eu quiser, eu também fico que ninguém tem nada a ver! Velho excomungado!

ATÍLIO (entrando): Só voltei pra falar que ainda não fui embora.

JOÃO Num precisava nem falá que eu já tô vendo!

ATÍLIO Eu não sou de abandonar um companheiro na mão.

JOÃO Quanto mais eu rezô, mais assombração me aparece! Eu num quero mais trato com o senhor! Eu já tô de saída.

ATÍLIO Pra onde?

JOÃO O senhor num tem que sabê. Pra minha terra, pra qualquer canto. Se o senhor for pras direitas me avise que eu vou pras esquerdas!

ATÍLIO Vai pra direita, vai pra esquerda, mas não volte, João. Quem já deu o primeiro passo tem que continuar andando.

JOÃO Cada vez que essa conversa mole entra no meu ouvido dá vontade de... de... Olha, seu Atílio, o senhor é o culpado. O senhor devia era me tirar desse embaraço.

ATÍLIO Pois eu vim aqui pra isso João. Nós vamos...

JOÃO Não! Eu num quero trato com o senhor, já falei!

ATÍLIO Mas deixa de ser besta! Deixe as coisas comigo que você merece uma segunda chance. Vamos!

JOÃO Num vou, não.

ATÍLIO Que é isso rapaz?! Eu vou te levar num lugarzinho especial. Mulher que não acaba mais.

JOÃO Num tô precisando de mulher, não. Tô precisando de emprego.

ATÍLIO Num fala uma blasfêmia dessa, não cuspa pra cima! Deixe por minha conta. Vamos dar uma relaxada que pra enfrentar essa selva só com ânimo alto. Nem só de pão vive o homem.

JOÃO Olha, seu Atílio...

ATÍLIO Larga dessa mania de ter um pé atrás. Se jogue na vida, se afogue um pouco pra aprender a nadar! Eu te prometo que hoje começa o seu futuro!

CENA 11

A REVISTA

(A atriz que interpreta Lili deverá compor o papel de uma atriz inexperiente, que se embaraça nos passos e na fala. Isso é necessário para que a cena do suicídio de Getúlio Vargas não passe para o público como um sarcasmo intencional, mas sim denote a precariedade da companhia de revista que montou a cena.)

ATRIZES Nós, belas atrizes.

LOLA Lola!

MARGOT Margot!

ATRIZES/ATOR Mais Antônio Flávio.

LOLA O cômico!

LILI O trágico!

MARGOT O ator!

TODOS Nós atores e atrizes! Agora vamos rememorar. Todos esses anos felizes de Gegê a J.K.

MARGOT Getúlio fez Volta Redonda
E nos deu a Petrobrás
Foi amigo do trabalhador
Mas J.K. não fica atrás.

ATÍLIO (*intervém durante a música*): Quem fez a companhia do petróleo fomos nós.

JOÃO (*puxando Atílio*): Não começa não, seu Atílio!

ATÍLIO Tá errado isso.

MARGOT Onde Getúlio parou

J.K. continuou
O aço da Volta Redonda
Vira carro e caminhão
J.K. constrói Brasília
Orgulho da nação.

(João e Atílio continuam discutindo.)

Senhoras e senhores, um minuto de vossa atenção. Revista é tradicionalmente alegre. Porém, pra contar a história da morte de Getúlio, fomos obrigados a dar cores dramáticas ao quadro. (*Olhando para João e Atílio que discutem.*) Pedimos o máximo de respeito e silêncio.

JOÃO Tá bom, o senhor falou. Nãoarma confusão.

(Os atores saem, ficando no palco a vedete e a atriz que desempenhará o papel de Getúlio. Ao fundo, visivelmente, o ponto.)

MARGOT (tomando de um livro e se cobrindo com um manto preto): O dia 24 de agosto de 1954 começava a amanhecer e, no Catete, Getúlio se preparava para o último ato de sua tragédia. (Música. *Lili, a atriz que fará o papel de Getúlio, está visivelmente desconcertada.*) Qual a razão deste ar sombrio, presidente?

GETÚLIO (embaraçado): É... É...

PONTO (soprando): É a campanha...

GETÚLIO É a campanha... de...

PONTO (soprando): É a campanha de calúnias...

GETÚLIO É a campanha de calúnias... de injúrias...

PONTO É a campanha de calúnias, de injúrias, de infâmias...

GETÚLIO É a campanha de calúnias, de injúrias... de calúnias, de infâmias e de injurias

MARGOT *(irritada, cortando):* Senhor presidente! Por acaso não é a campanha de calúnias, de infâmias e de injúrias que fazem com que o senhor por causa de seu apoio à causa dos trabalhadores, por causa da criacão da Petrobrás?

GETÚLIO É isso mesmo!

MARGOT (se *irrita mais*. *Prosegue*): E o que querem seus inimigos?

GETÚLIO (pensa breve tempo): A minha renúncia?

MARGOT (*mais irritada*): É senhor presidente! É a sua renúncia. (*Lendo*.) Pouco depois das oito horas da manhã do dia 24 de agosto, Getúlio Vargas se recolheu aos seus aposentos e suicidou-se com um tiro no coração. (*Getúlio fica com a arma apontada para a cabeça. Margot faz gestos apontando o coração. Getúlio não entende*.) O coração! (*Getúlio corrige a posição do revólver*)... Se recolheu aos seus aposentos e suicidou-se com um tiro no coração! (*olha em direção aos bastidores falando mais alto*.) Com um tiro no coração! (*Após breve pausa, ouve-se um tiro. Getúlio cai*.) Morreu deixando uma carta que dizia:

GETÚLIO Lutei contra a espoliação do Brasil. Lutei contra a espoliação do povo. Tenho lutado de peito aberto. O ódio, as infâmias... (*Esquece novamente*.) Espera, eu sei, eu sei!

MARGOT (*irritada*): O ódio, as infâmias, as calúnias não abateram meu ânimo. Agora voz ofereço a minha morte. Nada receio. Serei namente dou o primeiro passo no caminho da eternidade e saio da vida para entrar na história.

(*Música cessa. Getúlio sai*.)

MARGOT Pedimos agora um minuto de silêncio em homenagem ao grande estadista.

(*Inicia-se a conversa de bastidores e de Atílio e João*.)

LOLA Tá vendo, Flavinho? Eu não te falei que não é qualquer uma que pode ser atriz?

FLÁVIO Fala baixo.

LILI Não enche meu saco!

(*Margot olha em direção dos bastidores*.)

ATÍLIO Vocês não sabem o que fazem. Fazem tudo de orelhada. (*Margot olha para Atílio*.) Eu estava lá, na rua, quando Getúlio se suicidou. Nós saímos, João, milhares de pessoas para protestar...

LOLA Uma zoeira de bosta foi o que você!

LILI Eu fiz melhor do que você faria!

LOLA Você? Você nem tinha nascido e eu já estava no palco. Eu me fiz sozinha e nunca saí com o dono dessa companhia aqui pra ganhar papel.

LILI Fecha essa matraca. Você tá em final de carreira!

LOLA Mais respeito comigo, biscatinha!

(Entra música, entram as duas se comendo com os olhos, sorriem farçosamente para o público e cantam com Margot.)

MARGOT Depois da tempestade surge a bonança
Um novo país surge agora
Estradas cortam matas
Conduzindo a esperança
Um Brasil novo aqui, agora.

(Lola e Lili cantam, uma tentando roubar a cena da outra.)

LOLA Mas eu transportei o progresso desse país. Os caminhões iam e vinham.

LILI Mas os carros quebravam a ponta do eixo, as molas...
Era o caminhão passar uma vez em você...

(Atílio ri.)

LILI Eu não tenho mão dupla direção como certas estradas. Sou estreitinha, sou lisa. Em mim só passam carros novos, estrangeiros...

LOLA Pelo menos em mim não anda um certo Sinca Chambour verde do dono de uma certa companhia de teatro.

LILI *(irritada)*: Isso não estava no script!

LOLA A arte imita a vida, queridinha!

LILI Olha aí, Margot! Depois ela fala que sou eu.

LOLA Eu só digo a verdade.

MARGOT Meninas, atenção! Vem aí a tradição.

(Entra travesti velho, apitando e fazendo barulho de trem de ferro, chora.)

LOLA Ih, lá vem ferrovia!

LILI Não fala assim com ela. Como é que está, ferrovia?

JOÃO É mulher ou homem?

ATÍLIO É jacaré! Te abraça e te come.

JOÃO Vira essa boca, seu Atílio!

FLÁVIO Apitando na curva. Estou velha e desativada. Ninguém liga pra mim. Hoje é só estrada de rodagem!

LOLA É o progresso, ferrovia. Nós somos mais rápidas, mais eficientes. Sua época acabou.

FLÁVIO Vocês falam isso mas eu já conheci dias de glória. Eu andava por esses matos, toda fagueira, assobiando... Chegava nas cidades, a população inteira me esperando, era a glória. Eu levava ferro... Pras construções, levava café aqui em São Paulo, levei toras... De madeira para as serrarias do Paraná...

JOÃO Que coisa, seu Atílio! Um rapaz forte, bom pra carpir mato...

ATÍLIO Vai se acostumando.

JOÃO Vô, não!

LILI Sinto muito, ferrovia.

FLÁVIO Eu não preciso de consolo de vocês, suas hipócritas. Eu odeio todas vocês! Estradas de rodagem. Vulgaridade!

ATÍLIO Ói ela! Sai daí!

JOÃO Manda ela assentar tijolo (*Ri.*)

(Enquanto os três contracenam, Atílio e João assobiam e gozam a ferrovia.)

LOLA Vai pro asilo, ferrovia!

FLÁVIO Isso é despeito de vocês. Vocês levam tudo o que é coisa e depois precisa fazer recapeamento de seis em seis meses!

JOÃO Vai engatar vagão na sua locomotiva! Maricão.

FLÁVIO Por que é que eu vim morar no Brasil. Na Europa eu sou muito melhor tratada.

LILI Vai pro museu, ferrovia! Você não vale nada!

FLÁVIO Não me ofenda que eu fico nervosa. E quando eu fico nervosa eu... descarrilho!

ATÍLIO Vai descarrilar na Serra do Mar. Cai de cabeça! Maricão!

FLÁVIO (*macho*): Maricão o caralho! Eu desço aí e te arrebento a boca! (*João se assusta. Flávio, para as duas.*) Vocês gozam mas eu ainda tenho futuro. Eu ainda vou virar metrô e deslizar lépida e ligeira de Santana ao Jabaquara! Um dia vocês vão me dar valor. Estradas! (*Sai.*)

ATÍLIO Vai embora mesmo!

JOÃO Ele é homem, seu Atílio. Fica quieto!

MARGOT (*música*): Nós já vamos terminar
Essa revista de Gegê a J.K.
Mas antes, uma homenagem
ao presidente imortal
que constrói Brasília
no Planalto Central.

(Entra Juscelino)

Sabem quem é ele? Olha o breque!
Juscelino Kubistcheck.

JUSCELINO Estou construindo essa jóia no Planalto Central. (*Apresenta Margot. Malicioso.*) Estou interiorizando o desenvolvimento. Gerando empregos. Milhares de candangos, percorrem esses caminhos. Rompem as matas, erguem o braço forte e constroem a oitava maravilha do mundo. Estamos construindo o Brasil do futuro. Um futuro de desenvolvimento, de paz social e de trabalho pra todos.

LOLA Quem quer trabalhar na oitava maravilha (*aponta Margot*) passando pela Belém-Brasília? (*Aponta para si.*)

LILI Ou prefere a via Anchieta todinha pra você. E parar no quilômetro 22 e conhecer o ABC?

ATÍLIO Vai lá, João!

JOÃO Fica quieto, seu Atílio!

ATÍLIO Você não queria um emprego? (*Grita para o palco*) ele aqui quer emprego!

(Lola e Lili se aproximam de João.)

LOLA Vem comigo conhecer a nova cidade (*aponta Brasília*) passando pelo caminho da felicidade. (*Aponta para si.*)

LILI Estrada nova, mas toda arrebentada. Pega a via Anchieta.

JOÃO (*rindo desconcertado*): Ói que eu vou.

ATÍLIO Vai lá, rapaz.

(Atílio empurra João que se levanta. Lili segura João.)

JUSCELINO Belém-Brasília ou Anchieta?

JOÃO Num é que eu num gosto da Belém-Brasília, gosto; mas prefiro a Anchieta. É melhor trabalhar aqui perto mesmo.

ATÍLIO Pega nas curvas da via Anchieta, João! Desce até a Baixada de Santos.

(João fica desconcertado.)

JUSCELINO Então, meu amigo, vamos ao futuro! (*Todos cantam e conduzem o desconcertado João ao ABC.*)

Adeus, adeus, vamos embora

Pela estrada do futuro
Um novo tempo.
Rompe a aurora.
De um porvir rico e seguro.
Um Brasil novo nasce agora
Poderoso, industrial.
Vamos logo, está na hora
A revista de Gegê a J.K.
Chega assim ao seu final

(Debaixo de música grave, ritualística, João é paramentado com luvas e capacete de peão. Surge ao fundo o brasão de armas de qualquer cidade do ABC. João pega sua mala, acena para Atílio e entra pelo brasão.)

FIM DO PRIMEIRO ATO

SEGUNDO ATO

CENA 1

A ENTREVISTA

(Em cena, três entrevistadoras. Entra João.)

(Os três fixam o olhar em João. Pausa.)

JOÃO (desconcertado): Me mandaram falar com as senhoras... (As três permanecem estáticas)... Pra fazer pergunta... Que... Pra eu responder... De teste pra entrar na firma...

(Cala-se. As entrevistadoras continuam a fitá-lo estáticas. João fita-as por leve tempo e depois desvia o olhar.)

ENT. 1 *(anotando em prancheta):* Inibição. Ausência de iniciativa e incapacidade em se adequar de pronto a novas situações.

JOÃO Senhora?

JOÃO O meu?

ENT 3

JOÃO GREGÓRIO

ENT. 1 Tem doença contagiosa? Tuberculose, sífilis, congêneres?

JOÃO Não sephora

Ent. 1 5-4-7; 6-5-8; 7-6-9; quais os três números seguintes na série lógica?

ENT 3 Casado ou solteiro?

JOÃO Não sei, não senhora. Não sei os números... Sou solteiro, sim senhora.

ENT 3 Tire a camisa

ENT. 1 Teve todas as doenças infantis? Sarampo, catapora, cachumba?

JOÃO Tive todas essas e mais se a senhora quiser.

ENT. 2 Religião?

JOÃO Católica.

ENT. 3 Respire fundo.

ENT. 1 Possui sinais particulares? Cicatrizes, queimaduras, etc.?

JOÃO Não senhora.

ENT. 3 Não solte o ar.

ENT. 2 Possui parentes ou família perto?

JOÃO (*tentando não soltar o ar*): Não senhora.

ENT. 3 Solte o ar.

ENT. 1 É sindicalizado? Participou de movimentos políticos?

JOÃO Não senhora.

ENT. 3 Tem algum defeito físico?

ENT. 2 Idade?

ENT. 3 Onde mora atualmente?

ENT. 1 Se um gato é o melhor amigo do homem, diga: o cachorro é a resposta certa. Se o cachorro é o melhor amigo do homem, diga: o rato é a resposta certa.

JOÃO (*desorientado*): Assim eu não sei responder. Devagar. (*Para a entrevistadora 3.*) Não pra senhora. (*Para ent. 2.*) Pra senhora eu tenho 25 anos... (*Para ent. 3.*) Moro numa pensão... (*Para ent. 1.*) O cachorro é o melhor amigo do homem.

ENT. 1 Não foi essa a pergunta. Se o gato é o melhor amigo do homem, você tem que dizer que o cachorro é a resposta certa.

JOÃO Pois é o que eu falei.

ENT. 1 Mas se o cachorro é o melhor amigo do homem, o senhor tem que dizer que o rato é a resposta certa.

JOÃO Mas tá errado. O cachorro é o melhor amigo do homem.

ENT. 1 Você tem que responder ao que foi perguntado.

JOÃO Então a pergunta tá errada. Como eu vou responder que o rato é o melhor amigo do homem sendo que não é?! Não senhora, o rato não presta. O que é certo é certo.

ENT. 2 Resiste a situação de pressão. Tendência generalizada à organização. Pouca profundidade de raciocínio abstrato.

JOÃO Não entendi.

ENT. 3 Sabe ler?

JOÃO Um pouco.

ENT. 2 Um pouco quanto?

JOÃO O suficiente, né!

ENT. 1 O suficiente pra que?

JOÃO Pra ler o que me interessa.

ENT. 3 E o que é que te interessa?

JOÃO Muitas coisas.

ENT. 2 Diga uma.

JOÃO Notícia.

ENT. 1 Que tipo de notícia?

JOÃO Desses de jornal.

ENT. 3 Que jornal o senhor lê?

JOÃO Desses que ficam pregados nas bancas.

ENT. 1 Impossibilidade ou resistência de externar claramente a resposta a perguntas que julga embaraçosas.

JOÃO Sim, senhora.

ENT. 2 Que tipo de árvore você prefere. Alta, forte, sem galhos; média, frondosa e forte; baixa, fina e flexível?

JOÃO Aí... Depende, né... Como se... por exemplo, se é árvore pra tirar madeira, alta, grossa e sem galhos é melhor. Agora... se é pra cerca... Pra fazer trançado e barrear pra fazer parede de barraco, árvore fina é boa. Pra caçar bicho de pena tem que ter galho...

ENT. 1 Não é essa resposta que queremos.

JOÃO É, tem também... A senhora precisa olhar... Se a senhora qué madeira pra tábua tem que ser madeira mole, pinho que é me-
lhor. Pra viga tem que ser peroba, barauña, pau-ferro.

ENT. 2 A pergunta não foi essa. Você tem que escolher uma das três.

JOÃO Mas se eu quiser fazer cerca eu não vou cortar pau-ferro. Não é que não pode. Pode, mas tem que ter máquina e dá muito trabalho.

ENT. 2 E agora?

JOÃO E agora o quê?

ENT. 3 Não tem registro.

ENT. 1 Acho que isso detona agressividade latente e insubmissão.

ENT. 3 Pode ser também relatividade de raciocínio.

ENT. 1 Ele se negou a responder a pergunta.

ENT. 3 Não concordo. Com sua resposta ele ampliou a pergunta e deu-lhe conotação prática.

ENT. 2 Mas a resposta é indicativa de raciocínio disperso.

ENT. 3 Pelo contrário. A explicação dele foi precisa e ampla.

ENT. 1 Na minha opinião, ele intencionalmente distorceu a pergunta pra nos confundir.

ENT. 2 Eu concordo. O subconsciente dele nos vê como inimigos. Ele se defende.

ENT. 3 De jeito nenhum. A resposta dele é criativa.

ENT. 1 Como vamos classificá-lo?

ENT. 2 Se ele de fato é insubmisso não podemos aprová-lo.

ENT. 3 Mas se ele for criativo, estaremos perdendo um bom funcioná-
rio.

ENT. 1 Um momento. Senhor João, o senhor deve responder correta-
mente às perguntas.

JOÃO Sim senhora.

ENT. 1 Nessa questão da árvore, você não deu a resposta que nós queríamos.

JOÃO E como é a resposta que as senhoras querem?

ENT. 1 Isso eu não posso dizer. Você é que deve responder.

JOÃO Se a senhora não diz, como é que eu sei qual a resposta que a senhora quer?

ENT. 2 Você não pergunta. Você só responde.

JOÃO Eu respondo e a senhora fala que não serve...

ENT. 3 Aprova de uma vez e acaba logo com isso. Tem muita gente pra ser entrevistada ainda.

ENT. 2 Está bem, eu aprovo. Mas, na minha opinião, ele é um insubmissso latente. Tome. (*Dá-lhe uma fixa.*) Passe na seção do pessoal.

JOÃO Obrigado. Deus lhe dê em dobro. (*Sai.*) Ô danação de povo.

CENA 2

DIA A DIA ZOÉ E LICO

(*Zoé e Lico dormem. Ator em ponto neutro do palco, interpreta um locutor de rádio num programa matinal, tipo Zé Béttio.*)

ATOR Acorda, gente. Acorda que a hora não espera. São quatro e vinte da manhã. Quatro horas e vinte minutos. Dona de casa! Ô dona de casa, dá um cotucão nele. Dá uma beliscada nas ancas dele. Joga um balde de água fria nele, dona Maria.

LICO Vai jogar água fria na mãe!

ZOÉ Acorda, Lico.

LICO Já sei.

ATOR Pula! Hoje é quarta-feira, não esmorece não, que tem dois dias pela frente.

LICO Tem café?

ZOÉ Tem pó?

ATOR Levanta logo que ocê perde a condução e ocê chega atrasado, já sabe, né. Num adianta chorá qui o patrão desconta mesmo. Ocê num leu o regulamento? Meia hora de atraso, ocê perde o domingo.

LICO Que horas são?

ATOR Dona de casa, grita no ouvido do marido: são quatro e vinte e dois minutos. Pula, não afrouxa não! Deixa pra dormi o restinho do sono dentro do ônibus.

(Zoé levantando-se. Os poucos móveis da casa devem ser dispostos de maneira tal que andar no ambiente seja um verdadeiro exercício, coisas pelo chão, coisas pendentes etc.)

ZOÉ Levanta, bem. Tá em cima da hora.

LICO Um dia eu ainda fico rico. Largo essa vida de cachorro.

ATOR Tsc. Tsc. Tsc. Desse jeito ocê num progride. Se ocê num tem disposição pro trabalho, ocê num vai pra frente. Dona de casa, o seu marido não se queixa de cansaço, de indisposição? Quem sabe ele num tem ameba, solitária na barriga. Eu tenho pra senhora um remedinho bão, mas bão mesmo...

LICO Desliga esse rádio, Zoé.

ATOR Eu tô falando é pro seu bem...

ZOÉ Eu quero escutar música.

ATOR Daqui a pouquinho, viu dona de casa? Daqui a pouquinho vamos tocar aquelas música bunita lá do interior que é pra lembrar a vida boa...

ZOÉ Você perde a hora, Lico.

LICO Tou bebinho de sono.

ZOÉ É das cachaça de ontem.

LICO Tomei só duas.

ZOÉ Depois da última.

ATOR Dona de casa, seu marido bebe? Chega à noite cansado, nem liga pra mulher, num cumpre suas obrigações...

LICO (para ator/locutor): Cala a boca!

ATOR Trabalha distraído, sem força... O chefe reclama... Isso é coisa muito ruim... Mas muito ruim mesmo. Mas tem remédio muito bão.

LICO (levantando-se e se arrumando): E as crianças?

ZOÉ Perguntaram se no domingo você vai pescar na represa.

LICO Fala que vou.

ATOR As crianças têm lombriga, dona de casa? Tão com amarelão?

ZOÉ Deixa dinheiro pra feira.

LICO E o dinheiro que eu te dei?

ZOÉ (maquinalmente) 235,60 com arroz e feijão, duas lata de óleo a 135,00, quatro sabão de quadro minerva a 35,20, um quilo de sal.

LICO Está bem, está bem!

ZOÉ E as outras coisas mais, num total de 700,00.

LICO Que hora é agora?

ATOR Dona de casa, diz pra ele que são quatro horas e quarenta e cinco minutos. Quatro horas e quarenta e cinco minutos.

LICO Puta merda!

(Apronta-se rapidamente para sair.)

ATOR É, num pode brincá com as horas que elas num espera. Agora sai correndo vestindo blusa pelo avesso, perdendo sapato pela rua. Agora não adianta mais, vai chegá atrasado, tomá adver-tência, vai tomá gancho, vai pegar suspensão de três dias.

LICO Merda!

ATOR Não adianta xingá.

LICO Fica quieto! Cala a boca!

ATOR E eu que tenho a culpa? Eu tô avisando desde as quatro hora. No final do mês vem desconto... Num adianta chorá... Vai. Quem sabe o ônibus atrasou um bocadinho. Beija sua mulhé, dá um chute no cachorro e sai. (Lico sai.) Dona de casa, ô dona de casa, agora que seu marido saiu, eu vô fala uma coisa pra sinhora. O nome de um remedinho bom e baratinho... Mas antes vou dizer as horas...

(Som cai juntamente com a luz.)

CENA 3

FÁBRICA

(Indistintamente, homens e mulheres interpretam trabalhadores. João é um faxineiro. Sons de maquinário alto.)

TRABALHADOR 1 Ô, cunhado! Vamos ver a produção, rapaz!

TRABALHADOR 2 E eu tenho cunhado, morto de fome?

TRABALHADOR 1 Por quê? Tua irmã só dá pra tubarão?

TRABALHADOR 2 Olha essa boca peão!

TRABALHADOR 1 Vem pegá eu.

TRABALHADOR 2 Eu não vou sujar minha mão de bosta.

TRABALHADOR 1 Bosta é mineiro que não morre afogado. Tô precisando de peça.

TRABALHADOR 2 Vai comê farinha e cagá poeira, nordestino!

TRABALHADOR 1 Tú é baiano cansado!

LÍDER Olha essa conversa fiada, aí! Quando alguém perde o dedo nas máquinas, vai dizer que pobre não tem sorte. Vamos, que a linha está atrasada.

TRABALHADOR 1 Esse mineiro num tá dando peça.

TRABALHADOR 2 Tá atrasado lá na frente. Na outra seção.

LÍDER Olhaí, gente! Se num tirá a produção vai tê extra!

TRABALHADOR 3 (na outra seção): Essa merda tá encrencada

TRABALHADOR 1 Eu num vô fazê extra. Num posso

LÍDER Como é que quebrô?

TRABALHADOR 3 Quebrando, uai.

LÍDER É a terceira vez nessa semana.

TRABALHADOR 3 E eu tenho culpa? Arranja uma máquina que preste.

TRABALHADOR 1 Eu já tô avisando que não vô fazê extra.

TRABALHADOR 2 Eu também não. Quebrou na outra seção. Eu não tenho nada a ver com isso.

LÍDER Eu quero ver vocês dois na hora de pedir aumento.

TRABALHADOR 1 Num é. É que minha mulher não está boa.

LÍDER Eu sei. Um dia é a mulher, outro dia é a tia que morreu.

TRABALHADOR 1 É verdade. Eu trago até atestado médico.

LÍDER E você?

TRABALHADOR 2 Eu tenho compromisso.

LÍDER Que compromisso?

TRABALHADOR 2 É uma coisa que eu tenho com minha mulher.

TRABALHADOR 1 É hoje! É hoje!

TRABALHADOR 2 Porra! Não azucrina a vida!

LÍDER Toda vez é compromisso ou é alguém da família que morre. Eu vô dizer uma coisa. Se não tiver a produção, vai ter extra e um vai ter que ficar, senão o nome fica marcado e no próximo lítão de dispensa eu fodo mesmo. (Sai.)

TRABALHADOR 2 Eu não posso ficá!

TRABALHADOR 1 Ô Varginha, ocê sabe mexê nesta máquina? Aqui?

TRABALHADOR 3 Nem que eu soubesse! Com essa porcaria quebrada, meu trabalho vai atrasar também.

TRABALHADOR 1 Você vai ter que ficá. A última vez eu fiquei.

TRABALHADOR 2 Quebra a minha. Hoje eu não posso.

TRABALHADOR 1 Quem não pode sou eu. A mulher não tá boa.

TRABALHADOR 2 Caralho! Ô Varginha, você só me fode! Num sabe trabalhar pede a conta!

TRABALHADOR 3 Vai encher o saco do outro.

(Entra João, com a vassoura e a pá.)

TRABALHADOR 1 Ô rola-bosta, já lavou as privada?

JOÃO Já, sim senhor.

TRABALHADOR 1 Senhor não, que eu num sou pai de tabaréu! Limpou tudo direitinho?

JOÃO Limpei.

TRABALHADOR 1 *(zombeteiro):* Então eu vou dá aquela cagada. Um pouquinho em cada uma.

TRABALHADOR 3 Pelo menos acerta o buco, que é uma fedentina que chega até aqui.

TRABALHADOR 1 Eu como o mesmo que você.

TRABALHADOR 3 Então vai no médico que ocê tá com as tripas podre. Ô João, o líder pediu pra quando você chegar aqui, ocê í lá no almoxari-fado buscar um torno.

JOÃO (desconfiado): Óia!...

TRABALHADOR 3 É verdade. Pergunte pro Lico.

TRABALHADOR 1 É sim, João.

JOÃO (a trabalhador 2): É verdade?

TRABALHADOR 2 Se eles tão dizendo...

JOÃO De que jeito é esse torno?

TRABALHADOR 3 Vai, rapaz, num empalha o serviço. Num vê que a gente tá parado.

JOÃO Ói... Num sô bobo, não. É, eu sei. Ocês qué mi pegá pra ficá mangando depois de mim. Igual quando me mandaram buscar a prensa, que é uma máquina maior que a casa. Aqui, ó. Num vô não. Sou bobo não.

TRABALHADOR 1 Você é que sabe.

JOÃO No começo ocês podiam me pegá, agora não.

TRABALHADOR 3 Ocê vai ficar a vida inteira rolando bosta?

JOÃO Eu queria mesmo trabalhar em máquina, mas num dá. Tenho que começá por baixo, né?

TRABALHADOR 1 Você tá muito por baixo, peão. Limpando bosta.

TRABALHADOR 2 Fala com o líder. Se ele deixar a gente te ensina o serviço de máquina. É fácil.

JOÃO Num é brincadeira?

TRABALHADOR 2 Claro que não. Fala direitinho com ele. Ele tá lá na manutenção.

JOÃO Se for brincadeira vocês vão ver. (*Vai em direção à saída.*)

TRABALHADOR 1 João, me faz um favor? Quando voltar de lá, passa pelo lavatório e me traz o escovão.

JOÃO Pra que?

TRABALHADOR 1 Pra você dar uma coçada no meu saco! (*João sai resmungando enquanto os outros riem. Toca a sirena de saída.*)

(Trabalhador 3 e trabalhador 1 preparam-se para ir embora.)

TRABALHADOR 2 Quebra a minha, Varginha.

TRABALHADOR 3 Hoje não dá mesmo, Antônio. Se desse, você sabe...

TRABALHADOR 2 Tá bem. Peão tem é que se fuder.

TRABALHADOR 1 e 3 Tchau.

TRABALHADOR 2 Tsc! Que merda! Tchau.

(Os dois saem. Luz permanece apenas sobre Antônio. Que trabalha. Luz se acende sobre casa de Antônio onde está Matilde.)

CENA 4

ANTÔNIO E MATILDE

(O foco de luz ainda permanece sobre Antônio. Matilde traz o relógio, acerta-o à vista do público de modo que os ponteiros apontem dez e meia.)

MATILDE *(apontando o relógio):* Dez e meia. O Antônio já devia ter chegado. Não. Ainda é um pouco cedo. Ele chega sempre quinze pras onze.

(Luz cai sobre Matilde. Antônio trabalha sob o som de máquinas. Luz volta a Matilde que coloca os ponteiros em onze e meia.)

MATILDE Diacho! Onde é que está esse homem? Com certeza tá enfiado em algum boteco com os colegas. Se chegar aqui cheirando bebida ele me paga!

(Idem acima. Luz cai sobre Matilde e fixa em Antônio, barulho de máquina. Luz volta sobre Matilde.)

MATILDE *(acertando os ponteiros do relógio pra uma e quinze):* Falta de consideração! Puxa vida! Ele falou que vinha direto pra casa. Que nem Cristo obrigava ele a fazer hora extra. Meu Deus. E se aconteceu alguma com ele? Ele sofreu algum acidente com a máquina?

(Idem acima. Luz cai sobre máquina e Antônio cansado, vai pra casa. Matilde acerta o relógio para duas e meia.)

MATILDE Duas e meia. Ele vai ter que arranjar uma bela desculpa. Ah, se via.

ANTÔNIO (entrando): Oi. Num deu, né...?

(*Matilde olha e vira o rosto.*)

ANTÔNIO Tem comida?

MATILDE Tá no fogão.

ANTÔNIO Eu vou comer fria?

MATILDE Devia! Que trato a gente tinha feito?

ANTÔNIO Eu tive que ficar, Matilde.

MATILDE Você falou que vinha direto pra casa.

ANTÔNIO Eu vim. Tô saindo de lá agora. A máquina quebrou, eu tive que ficar.

MATILDE É? Deixe eu cheirar a sua boca.

ANTÔNIO (abrindo a boca): Aaaaaaaaaahhhhh! (*Matilde cheira*) Posso comer alguma coisa agora?

MATILDE Pode! Pode! Pode!

ANTÔNIO Ô Matilde, eu não tive culpa.

MATILDE A culpa é do bispo! Puxa vida, Antônio, você parece até que não liga pra gente.

ANTÔNIO Não vem com essa conversa, poxa.

MATILDE A gente casou só pra fazer lua-de-mel? Faz três meses que acabou a lua-de-mel e até agora nada

ANTÔNIO Três meses?

MATILDE Noventa e três dias.

CENA 5

LICO E ZOÉ

LICO Zoé! Zoé!

(*Tropeça num móvel. Prageja.*)

ZOÉ Não faz barulho pra não acordar o pequeno.

LICO Que que esse diabo tá fazendo aqui no meio do caminho?

ZOÉ Eu comprei uma cama velha e pus no quarto das crianças. Tive que tirar isso de lá.

LICO E vai deixar aqui?

ZOÉ Vou, ué. Não foi você que falou que não queria a menina dormindo na nossa cama?

LICO Isso não cabe no nosso quarto?

ZOÉ Só se a gente tirar o guarda-roupa.

LICO E na cozinha?

ZOÉ E onde eu coloco o fogão?

LICO Põe o fogão do lado do guarda-comida.

ZOÉ E a mesa?

LICO Arrasta pro lado.

ZOÉ Aí a porta da rua não fecha.

LICO Então isso vai ficar no caminho?

ZOÉ Que jeito? Porque você não faz um quartinho a mais?

LICO Cadê dinheiro? Dê graças a Deus da gente ter isso aqui.

ZOÉ Recebeu? Quanto?

LICO Seis mil a mais de hora extra.

ZOÉ Não dá. Eu já fiz as contas. Vamos ter que dar o cano no depósito.

LICO Não! O cimento tem que ser pago. O seu João do depósito já veio falar comigo. Não paga a conta de luz.

ZOÉ É a terceira. Eles cortam. Vamos ter que economizar na feira.

LICO A feira não. Não paga a água.

ZOÉ Já tem conta pendurada. Não tem jeito. Pede emprestado pra alguém.

LICO Aí fica mais uma conta pra pagar no dia do vale. Eu já te falei: É preciso economizar. Você fica fazendo prestação em loja.

ZOÉ A última que fiz foi pra te comprar um par de calças. Você devia era parar de fumar. Faz mal à saúde e é dinheiro jogado fora.

LICO Isso é mixaria. A gente podia vender o rádio.

ZOÉ Você não se atreva. Além disso, o rádio não está pago.

(Lico prepara-se para sair.)

ZOÉ Onde é que você vai?

LICO Dá um pulo no boteco. Vê os camaradas.

ZOÉ Não senhor! Com o dinheiro, não! Eu sei como você é. Começa a beber e a pagar pra todo mundo. E depois, tá cheio de ladrão por aí. Dinheiro na mão.

(Lico lhe dá o dinheiro, separando umas notas pra si.)

ZOÉ Quanto você tá levando?

LICO Trezentos.

ZOÉ Trezentos?

LICO Que é? Eu trabalhei o mês inteirinho. (Sai.)

ZOÉ Tá, mas vê se não volta tarde.

LICO (*in off*): Tá, tá, tá!

ZOÉ E passa na venda e traz meia dúzia de ovos.

LICO (in off., mais longe): Tá, tá!

ZOÉ Olha! Traz também um quarto de café!

UIC0 Tál

ZOÉ Bem! Benhê! Se o dinheiro der, traz também dois pedaços de sabão que eu não tenho pra lavar a roupa, viu? Mas passa na venda antes de ir pro bar porque ela fecha.

(Lico já não responde.)

ZOÉ *(calculando):* Um quarto de café... Meia dúzia de ovos... Dois sabão... Vai sobrar uns cento e pouco quando ele entrar no bar. Tá bom. Se eu não dou uma de esperta...

FLASH N° 1

(Foco no proscênio, João espera o trem ansiosamente.)

VOZ O trem, prefixo UHJ 125, procedente de Francisco Morato com destino a Paranapiacaba e que deverá estacionar na plataforma número 1, não terá prosseguimento. (Vaias, assobios.) O

trem, prefixo UHJ 125, que deverá estacionar na plataforma número 1 não terá prosseguimento. Próximo trem às sete horas e 35 minutos.

CENA 6

FÁBRICA

LICO Tá russo!

ANTÔNIO Russo tava o ano passado.

LICO Num dá pra você adiantá uma grana?

ANTÔNIO Tá apertado. Quanto é que você quer?

LICO Uns setecentos mango.

ANTÔNIO Olha, dá pra emprestar quinhentos.

LICO Dá pra quebrar! Porcaria! Eu num gosto de pedir emprestado. Eu te pago quando sair o vale da firma. Você quebrou o galho da feira.

ANTÔNIO Tá legal! Não esquenta. (*Apontando com a cabeça o Cronometrista que se aproxima da máquina onde trabalha Varginha e começa a anotar a produção. Varginha começa a treabalhar em ritmo maior.*)

(Luz cai sobre o guarda e João, e sobe sobre a fábrica.)

GUARDA Carteirinha!

JOÃO Eu tinha colocado ela aqui... Onde será? Num tá. Acho que esqueci.

GUARDA Sem identificação não entra.

JOÃO Eu preciso entrar.

GUARDA Volta pra casa e busca.

JOÃO Não dá. Eu moro longe.

GUARDA Eu não posso fazer nada.

JOÃO Num faz isso. Eu já estou atrasado. O chefe vai encrencar comigo, tenho coisa importante pra fazer.

GUARDA Num posso fazer exceção. O que é pra um é pra todos. Sem carteirinha não entra.

(Luz cai sobre guarda e João e sobe sobre a fábrica.)

LICO Sacanagem!
ANTÔNIO Varginha tá pisando na bola.
LICO Tem que botá esse sacana na geladeira.
ANTÔNIO Assim o sujeito ferra toda a linha. Sujeito trouxa. (*Cronometrista sai da máquina de Varginha e vem em direção dos dois.*)
Não vamos aumentar a produção, não. (*Lico e Antônio continuam trabalhando no mesmo ritmo. Cronometrista anota*)

(Luz sobre guarda e João. Cai luz sobre fábrica.)

GUARDA Eu não tenho nada com isso. É regulamento. Só entra com identificação, senão vira casa da sogra, entra qualquer um.
JOÃO Poxa, eu não sou qualquer um. Você me conhece. Todo dia a gente se vê.
GUARDA Eu sei, mas é o regulamento. Você tem que ser mais responsável. Tem que ter organização, senão vira anarquia. Hoje você esquece, amanhã esquece outra vez. Esqueceu a identificação, tem que voltar, pra aprender!
JOÃO Num precisa desacatá também. Se eu num entrá eu vou perder o dia. Tô pedindo por favor.
GUARDA Isso num é da minha conta. Num tem favor.
JOÃO Então liga pro meu líder pra ver se ele não autoriza.
GUARDA Num tem que ligá!
JOÃO O líder falou que eu num podia faltar. Se você não ligar o problema é seu.

(Luz cai sobre os dois e sobe sobre fábrica. Cronometrista anota e sai. Antônio faz uma careta para o cronometrista.)

ANTÔNIO Tem gente que gosta de aparecer prus home.
LICO Pois é. É só aparecer capa amarela ou capa branca que o sujeito se borra todo.
ANTÔNIO Vou comprar três capa branca e dá pra ele levar pra casa.
LICO Ele vai dormir abraçado com ela.

VARGINHA Vocês tão falando comigo, é?

ANTÔNIO Com você, não. Estamos falando é de você!

VARGINHA Cada um sabe de si.

ANTÔNIO No mundo tem muita gente à toa.

VARGINHA (irritado): É comigo?

ANTÔNIO (irônico): Eu não disse na fábrica, disse no mundo.

LICO É, mas no mundo das veiz tem fábrica. E nas fábrica das veiz tem gente.

ANTÔNIO Pô, Varginha, pra que você foi aumentá o ritmo? Só pra falá que tira mais produção que a gente?

VARGINHA Eu tirei porque posso tirar.

LICO Qué subi, peão? Qué fazê bonito?

VARGINHA Porque vocês não tira mais produção também?

LICO Porque não somos trouxa! Agora o sujeito vai e marca na ficha que nós pode tirar tanto de produção e aumenta toda a produção da linha. Ferra todo mundo.

VARGINHA Eu sei do meu serviço. Meu serviço eu faço direito.

ANTÔNIO Você é um puta dum lóqui! Você tirou essas produção hoje, quer ver você tirar todo dia. Mas os home num vão querer sabê e vão mandá fazê extra. Vamo perdê o coro pra tirar a produção.

LICO Eu quero ver é se a máquina quebrar, seu puxa!

VARGINHA “Puxa”, não!

ANTÔNIO É puxa, sim! Uma mão vai lavar a outra, meu chapa.

LICO Deixa pra lá. Sujeito assim não merece nem palavra.

(Entra João.)

ANTÔNIO Ô rola-bosta, que é que acontece lá embaixo?

JOÃO Aquele guarda lá embaixo não queria deixar eu entrar porque esqueci a carteirinha.

ANTÔNIO E aí?

JOÃO Áí eu falei que precisava entrar e falei pra ele falar com o líder. Áí o líder deixou eu entrar.

ANTÔNIO Então você tava brigando pro guarda te deixar limpar merda!
Ele dizia: Não, João, que hoje você não vai entrar pra limpar merda!

LICO E você dizia: “Não, porque eu quero limpar as privadas!”

ANTÔNIO “Pode falar com o líder! Eu quero limpar bosta!”

LICO O cara é marrudo! Ele briga e mata pra limpar bosta!

JOÃO Num torra o saco, poxa! Já cheguei atrasado, o guarda me encheu o saco lá embaixo. Entro aqui e vocês continuam me enchendo! Vão pra merda! (Sai.)

LICO Uau! Nunca vi o sujeito tão bravo!

ANTÔNIO Que é João! Dormiu com a bunda descoberta?

FLASH Nº 2

ÔNIBUS

(Atores seguram um cano como se estivessem num ônibus lotado.)

ATRIZ 1 (com sacola): Vai descer no próximo?

ATOR 2 Não.

ATRIZ 1 Então dá licença.

(Atriz passa à frente do ator.)

ATOR 1 Ô cobrador! Ainda não tem troco? Meu ponto tá chegando e eu não vou descer sem meu troco, não. Tô avisando.

ATRIZ 2 Que abafamento! Abre um pouco a janela.

ATRIZ 3 Se abrir a janela eu morro de pneumonia.

ATOR 2 Ô motorista, fecha essa porta que tá frio.

ATRIZ 1 (para Ator 2): Não venha se encostando, não, seu sem-vergonha.

ATOR 2 Num tô fazendo nada.

ATRIZ 2 Eu num tô aguentando. Eu vou abrir a janela.

ATRIZ 3 Qualquer uma, menos essa.

ATOR 1 Mais devagar motorista que essa porcaria vai acabar virando.

ATRIZ 1 Seu sem-vergonha.

ATOR 2 Qual é minha senhora? Quê espaço, anda de carro! Freta um ônibus só pra senhora, aí ninguém encosta.

ATRIZ 2 Eu vou abrir, sim senhora!

ATRIZ 3 Não senhora! Respeite um pouco a minha idade!

ATOR 1 (para Atriz 2): Deixe essa janela fechada. A senhora morre de abafamento. Depois a gente abre. (Para Atriz 3.) A senhora morre de pneumonia. E aí todo mundo pode seguir viagem sossegado! Pombas!

ATRIZ 2 Seu mal educado!

ATRIZ 1 Você fala isso porque sou mulher. Se eu fosse homem você não tinha coragem.

ATOR 2 Vai andando!

ATOR 1 Ô cobrador! Como é? Eu já vou descer.

ATRIZ 1 Hoje ninguém tem mais respeito!

FLASH

JINGLE A FAVOR DO PRESIDENCIALISMO

(Lico continua trabalhando na máquina.)

FLASH Nº 2

ÔNIBUS

CENA 7

VOLTA DE ATÍLIO

(João e Antônio num ponto de ônibus.)

JOÃO Vai pegar o próximo ônibus?

ANTÔNIO Se não tiver cheio. A mulher tá trabalhando mesmo.

JOÃO Tô precisando arrumá um rabo de saia.

ANTÔNIO Aproveite bem antes de casá. Depois, se tu pegá uma mulher como a minha, michou. (Entra mulher e se coloca afastada dos dois.) Olha essa aí. É lá da estamperia.

JOÃO É boa. Dá até pra subir morro e atravessá brejo pra ir atrás dela.

ANTÔNIO Ela dá.

JOÃO É?

ANTÔNIO Essas menina da estamparia dão tudinho.

JOÃO Ocê já...?

ANTÔNIO Eu não, mas me contaram que ela dá. O Lico.

JOÃO O Lico é mentiroso.

ANTÔNIO É, mas todo mundo fala. Se eu fosse você tentava. Joga uma conversa fora pra cima dela. Você vai vê que ela cai direitinho.

JOÃO Vige! Com uma mulher dessa eu...

ANTÔNIO Vai! Chega do lado dela e começa uma conversa fiada.

JOÃO (*meio malandramente*): É isso que eu vou fazer. (*Começa a se aproximar dela.*) É tranquilo?

ANTÔNIO Vai que é mole!

(*João se aproxima mais. Mulher volta-se e anda decidida em sua direção. João fica estatelado.*)

MULHER Aqui passa o ônibus pra Diadema?

JOÃO Passa, é?

MULHER Eu estou perguntando.

JOÃO Deve de... Das veiz... Passa sim.

MULHER É porque eu tenho que ir na casa da minha tia.

JOÃO Sua tia mora em Diadema? Eu te vejo sempre lá na estamparia. Trabalho duro, né?

MULHER Nem se fala. O pior é trabalhar por turno.

JOÃO É fogo! Num tem muito tempo pra sair... pra namorar. Não tem disposição. Teu namorado não reclama?

MULHER Eu não tenho namorado.

JOÃO Não? Então, assim num fim de semana...

ATÍLIO (*entra e grita*): João Saquarema! (*Vai em direção a João e o abraça efusivamente.*) Como é que vai, rapaz? Há quanto tempo! Você está diferente, melhor!

JOÃO Eh, seu Atílio... O senhor sempre aparece na hora certa!

ATÍLIO Obrigado, João, mas vamos sair daqui. Puxa, como demorei pra te achar! Tenho um papo sério pra bater com você. (*Extremamente sério.*) Sério. Entendeu?

JOÃO Espera um pouco, seu Atílio! Tem essa moça aí...

ATÍLIO (*percebendo a mulher*): Você está casado, João? (*Para a mulher*) Prazer, Atílio Ronchetto.

JOÃO Não, seu Atílio... Ela é...

ATÍLIO Noivos? Muito bem. Você está se saindo melhor aqui do que em São Paulo, hein safadão?

JOÃO É colega, seu Atílio. Trabalha na fábrica.

ATÍLIO Esposa, noiva ou colega o prazer é o mesmo, senhorita. Você se importa se eu levar o João?

JOÃO Seu Atílio...

ATÍLIO É Muito importante, João. De importância vital!

MULHER (*que ficou o tempo todo paralisada pela ação de Atílio*): Não... Eu já estava indo embora mesmo.

JOÃO Foi um prazer conhecê-la. A gente se encontra outra vez.

MULHER Eu já estava de saída... Eu vou pro outro lado... Eu gosto de andar. (*Sai às pressas.*)

ATÍLIO (*com um gesto*): Adeus e boa sorte. Agora nós, João!

JOÃO Puxa vida, seu Atílio! Eu tava tirando uma linha com a moça e o senhor me aparece e empalha tudo!

ATÍLIO Com ela? Porque você não falou! Deixa comigo que eu arranjo tudo. (*Grita.*) Ô moça!

JOÃO Fica quieto, seu Atílio.

ATÍLIO Você não quer falar com ela?

JOÃO Agora não quero mais. O senhor já melou tudo. Vamos sair daqui. Ô Antônio, vamo dar uma chegada no boteco?

ANTÔNIO Vamos lá.

ATÍLIO Vamos que o João vai pagar uma cerveja.

JOÃO Eu?

ATÍLIO Questão de solidariedade. E depois você vai ter que pagar pelo prazer de ter me encontrado.

JOÃO Pois foi o senhor que me encontrou.

ATÍLIO A ordem dos fatores não altera o produto. Vamos.

CENA 8

BOTECHO

(Dona Lurdes limpa o balcão. Ouve-se discussão fora de cena.)

ATÍLIO *(entrando):* Não me falem do Jânio! Seis milhões de votos jogados pela janela.

(Lurdes olha com raiva para Atílio que entra de costas.)

ANTÔNIO Seu Atílio...

ATÍLIO Não tem conversa, Antônio. Fugiu! Escafedeu! Desprezou!

ANTÔNIO Não é isso, seu Atílio.

ATÍLIO É isso, sim! Quem tem bunda de seda não senta em cadeira de prego!

ANTÔNIO O que eu quero dizer é que o senhor tá falando de corda na casa do enforcado.

LURDES O que vão querer? O que é que o senhor tem contra o Jânio?

ATÍLIO Uma cerveja. Tudo! Tenho tudo contra o Jânio!

LURDES Fique sabendo que esse país não merece um homem como ele!

ATÍLIO Ele não merecia nem ser presidente do Grêmio Recreativo Ipiranguinha, quanto mais ser presidente do País!

JOÃO Tá bom, tá bom, seu Atílio. Vamo tomá logo essa cerveja.

LURDES Vai um quebra gelo?

ATÍLIO Vai alguém? Só um pra mim! Forças ocultas! A única força oculta que eu conheço é quando o sujeito se fecha na privada! Quem não tem competência não se estabelece.

LURDES Brahma ou Antártica? Vocês só sabem meter o pau! Ele foi um dos único políticos honestos desse país!

ATÍLIO Qualquer uma. Ser honesto não é louvor, é obrigação! “De tanto ver triunfar as nulidades... Patati, papapá, esqueci o resto, o homem hoje se envergonha de ser honesto”! e eu não vim aqui pra falar do Jânio, faz dois anos que ele saiu e se fizesse vinte seria melhor. Eu quero falar do momento presente. João! Antônio! (Grave.) A situação é séria! (Conspirando.) Que ninguém nos ouça!

(Lurdes que havia ido buscar a cerveja, estica o pescoço querendo ouvir.)

ATÍLIO Eu vou repetir. A situação é grave. O governo não se agüenta nas pernas.

LURDES (voltando): É bom que caia mesmo que esse governo não tem feito coisa que preste. Toda essa cortesia é por culpa dele. Olha a ...

ATÍLIO Ao contrário. Carestia e vida difícil sempre houve. O governo está sobe pressão. É preciso nos organizarmos.

JOÃO Deixa disso, seu Atílio.

ANTÔNIO Polícia dá dinheiro pros ricos e cadeia pros pobres.

ATÍLIO Pois nós precisamos inverter. Política tem que dar cadeia pros ricos e dinheiro pros pobres. E depois a cadeia nos tempera...

JOÃO Não começa, seu Atílio! O senhor fica falando coisa mas só faz coisa errada!

ATÍLIO Você precisa voltar comigo para São Paulo, João.

JOÃO O senhor tá louco, seu Atílio! Num vem, num vem não que o senhor só me pegava pra essas coisas quando eu cheguei, quando eu era um capiau do mato. Agora não.

ATÍLIO A nossa função é mais importante que um reles emprego, João!

JOÃO O senhor fala isso porque num trabalha, num tem compromisso.

ATÍLIO Mas trabalhei! Trabalhei mais do que qualquer um de vocês. Trabalho desde 1905.

JOÃO Tá bom, seu Atílio. O senhor já trabalhou. Agora vamos tomar nossa cerveja e deixa eu e o Antônio trabalhar em paz.

ATÍLIO Nunca existe paz no trabalho enquanto...

JOÃO Chega, seu Atílio! Eu num vou mais discutir. Esse negócio de governo, sai um, entra outro e se a gente não se vira, num trabalha, ninguém vem dá comida na boca...

ATÍLIO Tá bom, tá bom. Eu não falo mais nada. Fiz minha viagem à toa.

JOÃO Não leve a mal, seu Atílio. Fruto verde não se colhe. Nem pra comer nem pra deixar semente.

ATÍLIO Você tá certo. Fruto verde não se colhe. Lutador se faz na luta. Eu vou indo, João. Até outra vez.

JOÃO Até, seu Atílio. Não leve a mal.

(Atílio sai.)

ANTÔNIO O final dessas conversas é sempre na cadeia.

JOÃO Pra quem fala e pra quem ouve. Eu já tive experiência.

FLASH Nº 3

MULTIRÃO

ANTÔNIO Dona Belinha, cadê o Jorginho?

BELINHA Foi até o boteco.

ANTÔNIO Sujeitinho safado! Chama a gente pra ajudar levantá o barraco e se enfia no bar!

BELINHA Ele foi buscá mais cachaça e uns tira-gosto.

JOÃO Melhorou! Sem cachaça não dá.

BELINHA Com vocês bebendo desse jeito eu sei quando isso vai ficar pronto!

ANTÔNIO É pra animá.

JOÃO E o Carlão? Não veio por quê?

ANTÔNIO Tá no seguro. Acidente.

BELINHA Grave?

ANTÔNIO Caiu peça em cima do pé. O pé dele tá que é isso (*mostra com as mãos*).

JOÃO Como é essa bóia, dona Belinha?

BELINHA Daqui a pouco.

JOÃO Capricha, que antes da noite a gente cobre a casa.
BELINHA Se vocês não caírem de cara cheia antes.
ANTÔNIO O João aqui é que nas paredes tá entrando as curvas pelas retas, mas no fim dá tudo certo.

FLASH Nº 4

SONS MARCIAIS: REVOLUÇÃO DE 64

CENA 9

FÁBRICA

VARGINHA Tá dormindo, peão?
JOÃO Essa hora é broca.
ANTÔNIO Num tem que corrê. Tem que acabá a produção na hora de saí.
JOÃO Essa hora, depois da comida dá zonzeira de sono.
VARGINHA Vai matá peça que eles te come o rabo.
ANTÔNIO Num tá bom na máquina?
JOÃO Que tá, tá. Mas é fogo, né?
ANTÔNIO Isso é serviço pra home, num é pra pedaço.
JOÃO Você não virou quatorze hora de batente igual eu.
ANTÔNIO Peão tem que se ferrá.
JOÃO Você também é peão como eu... Que é que tá falando?
ANTÔNIO Sou peão mas sou distinto. Tenho mais de cinco ano em cima dessa porra.
LICO Cinco ano de merda é igual a merda.
JOÃO Você viu o Paulo Henrique?
LICO E o Gerson? Não tem ombridade, não sua a camisa!
JOÃO Também, a seleção era toda carioca.
VARGINHA Vocês acham que a Inglaterra ia deixar trazer a taça?
ANTÔNIO Correu grana nisso.
LICO A seleção devia chegar no Brasil e ser toda presa.

JOÃO Em São Paulo quiseram apedrejar a casa de um dirigente, não sei quem.

VARGINHA E no Rio? Quase que lincharam um português que queimou a bandeira do Brasil, depois do jogo com Portugal.

ANTÔNIO Devia ser linchado! Você vai ver. A Comissão Técnica vai ficar no Europa. Se vier pro Brasil os liga vão matar todos.

LICO Agora só daqui a quatro anos.

ANTÔNIO Do jeito que tá o futebol eu duvido que o Brasil se classifique para a Copa de 70. Seleção como de 62, nunca mais.

JOÃO É uma pouca vergonha.

ANTÔNIO Se botasse o time do Corinthians, ele fazia mais bonito que a seleção.

JOÃO Pé no saco! Essa ardeu!

ANTÔNIO E não?

JOÃO Também não fala besteira. O Corinthians inteiro não vale três do Santos.

ANTÔNIO Santos só tem Pelé.

(Soa sirene do final do turno.)

JOÃO Penta-campeão paulista e bi-campeão do mundo, meu chapa!

ANTÔNIO Quando Pelé acabar, a torcida do Santos também acaba. Não é mesmo, Lico?

LICO Eu quero é que se ferre. Seleção, futebol, e a puta-que-pariu! Vam'bora que soldado em quartel no final do expediente ou quer cadeia ou quer serviço.

(Saem. Na saída, Lico é barrado.)

GUARDA Você aí, espera um pouco. É. Você mesmo!

LICO Que foi?

TRABALHADOR Revista! Se o sujeito tiver um parafuso no bolso ele tá ferrado!

LICO *(enquanto o guarda começa a revistar)*: Tô levando nada, não, seu guarda.

JOÃO Ele tá estufado, mas é do salitre da comida, seu guarda.

VARGINHA Tá levando carro no bolso, peão?

ANTÔNIO Não alisa que ele gosta!

LICO Eu tenho cara de ladrão?

GUARDA É regulamento.

TRABALHADOR Vai, peão, devolve logo o motor que você enfiou na meia.

GUARDA Vão andando.

ANTÔNIO Ô, seu Guarda, vê no fiofó que ele escondeu um virabrequim!

LICO Vai gozá da mãe!

JOÃO Vê no saco que ele colocou calota nos bago!

ANTÔNIO Devolve logo o que ocê pegou senão vamo perde o ônibus!

LICO Não tenho nada, não seu guarda.

GUARDA Vai. Pode ir.

LICO Isso é marcação.

CENA 10

JOÃO E SELMA

SELMA Não! Aí, não João!

JOÃO Eu num tô fazendo nada.

SELMA É, mas eu tô avisando que é pra nem começá a fazer.

JOÃO Você me conhece. Não vou fazê nada demais.

SELMA Tô conhecendo. De uns tempos pra cá você tá ficando muito espertinho.

JOÃO É mesmo? (*Investe sobre Selma.*)

SELMA (*dura*): Não apele, não!

JOÃO A gente não vai casá mesmo?

SELMA Quando? Faz mais de um ano que você tá falando.

JOÃO Não vamos falá nisso agora.

SELMA E depois, não tem nada a ver uma coisa com a outra. Se vamos casar mesmo, a gente espera. Se não vamos, não quero ficar falada.

JOÃO Quem é que falou que não vamos casar?

SELMA Desse jeito?

JOÃO Vamos deixar esse papo pra outra hora.

SELMA Não. Vamos falar agora. Daqui a pouco a gente faz bodas de prata de namoro.

JOÃO Você não confia em mim? (*A mão de João busca a perna de Selma.*)

SELMA (*tirando a mão*): Mais ou menos.

JOÃO (*meio irritado*): Eu já te falei que só caso quando tiver casa! Nem que seja dois cômodos só.

SELMA Sabe quando?

JOÃO Eu não vou casar pra ficar que nem uns camarada que eu sônhêço que tão sempre enforcado.

SELMA A gente podia casar logo. Com nós dois trabalhando dava pra juntar um dinheirinho.

JOÃO Já te falei que não é meu costume a mulher trabalhar depois de casada.

SELMA O que é que tem?

JOÃO Num tem nada. Só que num gosto. Quando as coisas tiver melhor a gente casa.

SELMA Até melhorar vai demorar muito.

JOÃO Nada! Tem curso pelo correio de eletricista. Vou fazer um. Com canudo eu posso subir na firma.

SELMA João, você gosta mesmo de mim?

JOÃO Claro. Pra você vê. Comecei como faxineiro. Sentei o pau no serviço e os home me reconheceram. Eles sabe que não enjeitei serviço e me passaram pra linha.

SELMA Minha mãe outro dia me perguntou...

JOÃO Cortei um doze e ainda corto, mas as coisass vão mudar. Quem sabe eu não chego a líder.

SELMA Líder?

JOÃO E se duvidar chego até a mestre. Comigo é assim!

SELMA (*emburrada*): E a gente casa só quando você for gerente de produção, é?

JOÃO Não, amor. A gente casa bem antes. Tendo terreno e dois cômodos a gente casa. Quem sabe se com o décimo terceiro eu já num dou a entrada?

SELMA E a gente marca? Porque a minha mãe só fica perguntando...

JOÃO (abraçando Selma): Marca sim.

SELMA Tá, mas num vem com essa mãozinha boba, não.

JOÃO Calma. Eu não vou fazer nada.

SELMA Eu conheço essa conversa. Olha que eu sou séria.

JOÃO (abraçando): Eu também sou.

SELMA Olha essa mão.

FLASH Nº 5

(Antônio entra rindo, carregando uma bandeira do Corinthians. Grita com um interlocutor imaginário.)

ANTÔNIO Aí, peão! Cadê o tabu! Dois a zero em cima com Pelé e tudo!

SELMA (levantando-se): Vem, João. Vamos embora. Amanhã eu pego cedo.

ANTÔNIO Paulo Borges, a gazela do parque, enfiou um. E pra vocês não reclamar do azar, Bulão foi lá e enfiou o segundo. Que que é? Quem vai ficá onze anos sem ganhar do Corinthians é vocês. Dois a zero na cabeça! Tu tá ferrado! É peão, mora em Eldorado, tua mulher é uma cobra e teu time perdeu! Dois a zero! Pior que isso é só sustentar mulher, duas amantes e três filhos! (Sai.)

FLASH Nº 6

CASA DE LICO QUE FAZ AS CONTAS

LICO Tá fogo! Estamos gastando muita luz.

ZOÉ Preciso de dinheiro pra feira.

LICO E o que eu te dei?

ZOÉ (maquinalmente): Duzentos e trinta e cinco e sessenta com arroz e feijão, duas lata de óleo a cento e trinta e cinco, quatro sabão de quadro a trinta e cinco e vinte, um quilo de sal...

LICO Tá bom, tá bom!
ZOÉ (*dengosa*): Eu queria te falar uma coisa.
LICO Que é?
ZOÉ Tô esperando criança.
LICO Outra vez?
ZOÉ Ué! Eu não fiz ela sozinha!

CENA 11

MORTE DE ATÍLIO RONCHETTO

(Foco de luz no palco. João entra no foco de luz e bate palmas. Mulher entra no foco de luz.)

JOÃO É aqui que mora seu Atílio?
MULHER Entra.

(Saem do foco de luz, dirigindo-se para o escuro, do outro lado do palco.)

MULHER Cuidado que esse corredor é escuro.
JOÃO Eu vim logo que soube.

(Acende-se foco de luz do outro lado do palco. Sobre um colchão está deitado Atílio. João e mulher entram no foco.)

JOÃO Como é que estão as coisas, seu Atílio?
ATÍLIO Tou deitado, parado, duro. É assim que as estão as coisas. Como é Saquarema? Chega mais perto. Não vem com essa conversa pra doente morrer feliz, João! Eu estou indo mesmo. É encostar o esqueleto de vez.
MULHER João, você que é amigo dele, convence ele a deixar chamar um padre.
ATÍLIO Num tem padre. Saia, só de mulher.
MULHER (*chora*): Se arrepende.
ATÍLIO Não adianta insistir, dona Tereza, que eu vou pra cidade dos pés juntos antes de vencer o aluguel! (*Ri.*) Fala alguma coisa, João. Como é que está?
JOÃO Vô levando. A vida não tá fácil.

ATÍLIO Isso eu já estou sabendo. Os tempos estão tristes. Eu queria ir pro bebeléu quando os tempos fossem melhores. Mas vou fazer o quê? Eu já vivi tanto. Como é o Brasil, João? Ganha domingo?

JOÃO Claro que ganha, seu Atílio. Vai dá um show em cima da Itália. Ninguém tasca que o caneco é nosso.

ATÍLIO A senhora vai trazer a televisão aqui no quarto, não vai, dona Maria Tereza?

MULHER Vou sim, seu Atílio.

ATÍLIO Se o Brasil ganha eu encho a cara e... (*Põe a mão sobre o peito.*) João! Eita que é agora que eu me vou. Adeus, João. (*Cai sobre o leito.*)

JOÃO Seu Atílio!

MULHER Chama por Deus! Ai! Minha Nossa Senhora da Aparecida!

JOÃO Chama um médico!

MULHER Chama um padre que ainda dá tempo pra uma extremunção.

ATÍLIO (*voltando*): João! (*Arfando.*) Ainda não foi dessa vez. (*Solta um longo suspiro.*) Ninguém me leva fácil, não, João! Estou vendendo... Estou vendendo uma luz!

MULHER É Deus!

ATÍLIO (*apontando o refletor*): É a lâmpada que tá muito forte! (*Ri.*)

MULHER Não brinca com coisa sagrada! Esse ataque foi um aviso de Deus.

JOÃO É melhor chamar um médico, você ir pro hospital.

MULHER Eu queria chamar, ele não deixou.

ATÍLIO Não perca tempo com pouca vida nem vela com pouco defundo. Tô indo pro bebeléu, pro fim da picada, pra casa do chapéu.

JOÃO Não fala isso, seu Atílio.

ATÍLIO Agora já falei! João, me queira bem que não paga imposto. Da última vez que a gente se encontrou você me chamou de louco.

JOÃO Esqueça isso.

ATÍLIO Não, você não estava de tudo errado. Todo mundo tem uns deslizes uma vez ou outra. Até Deus escreve errado por linhas certas!

JOÃO Está tudo bem.

ATÍLIO É que minha cabeça nunca foi dona de um pensamento só. É que eu corri atrás de muitos sonhos. É que o homem tem muitos sonhos, muitas vezes. É. O problema, é que às vezes dá uma confusãozinha à toa, é que o sonho certo está no lugar, ou o sonho errado está no lugar certo, sei lá! (*Irritado.*) E você tá com essa cara por quê? Eu também não tenho que pedir desculpa a ninguém por ter existido! (*Outro ataque.*) É agora que eu vou! (*Cai.*)

MULHER Agora foi.

JOÃO (*sentido*): Seu Atílio!

MULHER Tenha piedade, Senhor, do seu servo...

JOÃO Velho besta! (*Chora.*)

ATÍLIO (*voltando*): Larga de ser frouxo, homem! Isso aqui não é novela! (*Ri.*)

JOÃO (*irritado*): Que coisa! Pára de brincar! Diabo de homem que só faz tropelia.

MULHER O senhor se perde. Fica sem salvação.

JOÃO É bom mesmo. Se um diabo desse for pro céu, Deus pede demissão!

ATÍLIO (*rindo*): Gostei, João! Vem cá, que eu tenho pouco tempo. João, o que você vê hoje, se você fechar os olhos por cinco anos, você não vai ver mais quando abrir. Nada se sustenta. Pra se afirmar isso eu tenho mais de setenta anos nas costas. Entendeu?

JOÃO É... Mais ou menos.

ATÍLIO O chão que o homem pisa é por direito seu. Aqui é que se decidem as coisas! Onde houver porta aberta entre, se estiver fechada bata, se estiver trancada arromba e tome assento à mesa. Afinal a porta fomos nós que fizemos, a casa fomos nós que construímos e o jantar fomos nós que preparamos.

MULHER Tá delirando.

ATÍLIO Há mais de setenta anos minha senhora! Pra meu entendedor
meia palavra é bosta! (Cai.)

(Pausa. João e mulher se entreolham. Mulher faz um gesto de cabeça apontando Atílio, João dá de ombros.)

(Luz cai.)

FLASH N° 7

VENDEDOR

VENDEDOR Senhora matilde, não é? A senhora já conhece o plano de nosso novo carnê?

MATILDE Não senhor, mas...

VENDEDOR Então me dê dois minutinhos apenas. Esse novo carnê permite à senhora, através de módicas prestações mensais, concorrer a um automóvel, uma casa totalmente mobiliada e milhões de prêmios.

MATILDE Desculpe, mas eu já estou atrasada e não tou interessada.

VENDEDOR Mas a senhora vai ver as vantagens que o carnê lhe dá. A senhora adquire o carnê agora, sem entrada e só dá a primeira prestação daqui a três meses. E concorre desde já a todos os prêmios.

MATILDE O meu marido não quer saber de carnê.

VENDEDOR Não acredito que seu marido não vai aceitar todas essas facilidades. E concorrer a tais prêmios. A extração é feita toda semana pela loteria federal. A senhora tem 52 chances por ano de ganhar.

| | |
|----------|---|
| MATILDE | Meu marido já vem vindo. Fala com ele. (<i>Antônio entra.</i>)Tchau, bem. Já vou andando. (<i>Sai.</i>) |
| VENDEDOR | Meu senhor, eu estava justamente falando com sua esposa e ela estava maravilhada com os planos desse... |
| ANTÔNIO | Se ela estava ou não, eu não quero saber. |
| VENDEDOR | O senhor perceba bem que... |
| ANTÔNIO | Não vou comprar nenhuma porcaria. |

CENA 12

FÁBRICA

| | |
|---------|--|
| LÍDER | Vieram me falar lá de cima sobre a linha. Os homens tão falando que num tá cumprindo. Eles não estão satisfeitos. |
| ANTÔNIO | Fala pra eles que a gente também num tá. |
| LÍDER | Tô vendendo é pelo mesmo preço que comprei! E se quer conselho, acerta o passo que é capaz de algum lordo sangrar! (<i>Sai.</i>) |
| ANTÔNIO | A gente é o único pinico com fundo. Todo mundo caga e a gente é que apara. |
| JOÃO | Manera. |
| ANTÔNIO | Eu falei, eu sei das coisas, pô. Eu falei que o serviço ia dar errado. O mestre não quis escutar, mandou fazer. Agora taí. |
| LICO | Mas não vai entrar na deles, né? |
| ANTÔNIO | Eu num falei de graça. Eu tenho nove anos dessa merda. |
| JOÃO | Tá, mas vamos devagar. |
| LÍDER | (<i>entrando</i>): João! É pra você passar na seção pessoal. |
| JOÃO | Pra quê? |
| LÍDER | É eu que sei? |
| JOÃO | Deve ser pra assinar a papelada das férias. |
| JOÃO | Sacanagem! Trabalhava direito, num faltava. Me sacanearam! |
| SELMA | Só mandaram você? |
| JOÃO | Mandaram uma pancada. |

SELMA E agora?

JOÃO Fazer o quê? É procurar outro serviço. Me azararam a vida!

LICO Zoé! Assim não dá.

ZOÉ Num dá mesmo. Tive pouca costura esse mês.

LICO A gente não pode deixar de pagar a venda.

ZOÉ E nem pode deixar de fazer a feira.

ATOR Quem não tem o primário completo? Quem não tem o primário completo levanta a mão. Pode sair porque sem o primário completo não serve, está dispensado. Quem é prensista? Pode vir aqui. Um de cada vez. Com a carteira na mão. (*Inquerido*.) Que tipo de prensa? Leve ou pesada? Aguarde ali na primeira sala.

(Atores esperam o trem.)

VOZ O trem prefixo UHJ 125, procedente de Francisco Morato com destino a Paranapiacaba e que deverá estacionar na plataforma número 1 não terá prosseguimento.

(Vaias, assobios.)

ANTÔNIO Ô xará, você viu o Rivelino? Fazendo corpo mole em decisão! Ainda mais com o Palmeiras. Um a zero. Ninguém qué sabe de nada. Tão com o bom de bolso! Tinha barbado sentado no meio fio chorando como criança. Bandeira enrolada. Não quero nem falar de futebol, viu?

LICO Num tem nada não, Zoé. Amanhã vai ser outro dia.

ZOÉ Do jeito que a gente tá com sorte é capaz de ser igual ao de ontem.

SELMA Como é que tá no emprêgo?

JOÃO Tá indo. Num vai dar pra compra o terreno, não.

ANTÔNIO Matilde, qual o teu horário na semana que vem?

MATILDE Das duas às dez, you chegar quase meia-noite e

vai estar dormindo porque tem que levantar às quatro pra estar no serviço às seis.

ANTONIO Ate depois de amanhao, entao.

SELMA João, eu estou grávida.
JOÃO Cacete! E agora?
SELMA A gente aluga um barraco e casa. Minha mãe vem morar com a gente pra tomar conta da criança. Eu continuo trabalhando. No fim do ano que vem a gente compra o terreno. Amanhã vai ser outro dia.
JOÃO Igual ao de ontem?

(Som de maquinário se avoluma, permanece e depois cessa como se as máquinas estivessem paralisando. Som de vozes de grande multidão cresce e, aos poucos, vai caindo para o canto final.)

CANTO FINAL

Quem só vê o rio manso
Num vê rio, vê um lago
Vendo as águas em descanso
Não passa no pensamento
Qu'abaixo da linha d'água
O parado é movimento.
Quem só vô o rio seco
Não vê rio, vê o leito
Vendo o barro em pedra feito
Não para nem pra pensar
Que no inverno o rio nasce
E luta e busca o mar.
Quem nas barrancas se senta
E vê abaixo o rio frágil
Com a correnteza lenta
Pelas margens dominado
Não pensa nunca na vida
Ver o rio revoltado.

Mas choveu nas cabeceiras
Tromba d'água, tempestade
Rio avança pelas margens
Qual cavalo esporeado
Ruge, brame, treme, esturra
É bicho ferido, acuado.

Arrasta árvore, bicho morto
Fúria cega, cego esforço
De se ver livre das margens
Que trapaçam seu destino
Rompe barraca e barragem
Pra cavar outro caminho.

Tem muito que comparar
Rio homem e homem rio
Sempre em busca do mar
Rio manso ou rio bravio
Não difere o sonho do homem
Da busca e luta do rio

FIM

Qualquer utilização deste texto, parcial ou total,
deve ter a autorização do autor:

Luis Alberto de Abreu
Rua Rui Barbosa, 33
09400-000 – Ribeirão Pires – SP
Telefone: (0xx11) 4828-7230
e-mail: luabreu@uol.com.br